

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ANDREIA SILVANA DA ROSA

**HISTÓRIA EM TEMPOS DE *YOUTUBE*: UMA ANÁLISE ACERCA DA
HISTÓRIA DIFUNDIDA PELO CANAL NOSTALGIA**

Florianópolis, 2018

ANDREIA SILVANA DA ROSA

**HISTÓRIA EM TEMPOS DE *YOUTUBE*: UMA ANÁLISE ACERCA DA
HISTÓRIA DIFUNDIDA PELO CANAL NOSTALGIA**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito para a conclusão do Curso de Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientadora: Professora Dr^a. Mônica Martins da Silva.

Florianópolis, 2018



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Graduação em História

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e três dias do mês de novembro do ano de dois mil e dezoito, às 14 horas e 00 minutos, Sala de reuniões do CED, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr.ª: Mônica Martins da Silva (Orientador(a) e Presidente); Prof. Dr: Rodrigo Bragio Bonaldo (Titular); Prof. Dr: Sandor Fernando Bringmann (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 42/HST/CFH/2018, a fim de arguirm sobre o Trabalho de Conclusão de Curso da Acadêmica Andreia Silvana da Rosa, intitulado: "História em tempos de YouTube: Uma análise acerca da História difundida pelo Canal Nostalgia". Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, a Acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr.ª: Mônica Martins da Silva, nota 10,0, Prof. Dr: Rodrigo Bragio Bonaldo, nota 10,0, Prof. Dr: Sandor Fernando Bringmann, nota —, sendo a acadêmica aprovada com a nota final 10,0. A acadêmica deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de dezembro de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 23 de novembro de 2018

Mônica
Prof. Dr.ª: Mônica Martins da Silva (Orientador(a))

Rodrigo Bragio Bonaldo
Prof. Dr: Rodrigo Bragio Bonaldo (Titular)

Prof. Dr: Sandor Fernando Bringmann (Suplente)

Andreia Silvana da Rosa
Andreia Silvana da Rosa (Acadêmica)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Andreia Silvana da Rosa, matrícula n.º 13101857, entregou a versão final de seu TCC cujo título é História em tempos de Xautube: uma análise acerca da História difundida pelo canal no YouTube com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 30 de novembro de 2018.

Orientador(a)

Agradecimentos

Deus, por caminhar sempre ao meu lado.

Minha orientadora, professora Dr^a Mônica Martins da Silva, pela orientação, apoio e incentivo.

Minha mãe, pelo amor incondicional e paciência, mas acima de tudo por ter sido o meu maior apoio e suporte em todos esses anos de graduação.

Meus irmãos e cunhados, pelo apoio, amizade e ensinamentos, mas também pelos momentos de descontração e brincadeiras que também ajudaram muito nesse processo.

Meus sobrinhos, por todo o amor que sempre me dão e que faz tudo ficar mais leve.

Minhas amigas, Keli, Márcia e Elaine, pelos conselhos, amizade e por terem me hospedado algumas vezes para ter mais tempo para pesquisar na biblioteca.

Meus amigos, pela paciência, apoio e por compreenderem minha ausência nesse último ano.

Resumo

O termo história pública procura dar conta, de uma forma ampla, das relações e do diálogo entre a produção acadêmica e não acadêmica do conhecimento histórico. Os lugares de produção de saber histórico se multiplicaram indo além dos departamentos e centros universitários e acabou chegando ao YouTube, plataforma de vídeos fundada em 2005 que tem crescido muito nos últimos anos, chegando a ter a 1,5 bilhão de acessos mensais. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os usos do passado em tempos de internet, tendo o YouTube como essa plataforma principal, e por meio disso pensar nessa perspectiva muito mais polifônica, a qual o passado está hoje inserido, temos hoje uma pluralidade de materiais e de discursos acerca do passado que neste trabalho serão representados pelo Canal Nostalgia e o vídeo sobre Adolf Hitler. Através da análise do canal e do vídeo foi possível constatar que a maioria desses materiais faz um uso do passado mercadológico, buscando lucros ou no caso da fonte, seguidores. Esses materiais não estão preocupados com o conhecimento, uma reflexão ou crítica, seu interesse é muito mais informativo e se preocupam apenas em entreter seu público, construindo uma história paroquial, episódica, factual, pitoresca e anedótica.

Palavras-chave: História Pública; YouTube; Canal Nostalgia; usos do passado; Hitler.

Abstract

The term public history seeks to give a broad account of the relations and dialogue between the academic and non-academic production of historical knowledge. The places of production of historical knowledge have multiplied going beyond the departments and university centers and ended up arriving at YouTube, video platform founded in 2005 that has grown a lot in recent years, reaching 1.5 billion monthly accesses. The purpose of this work is to reflect on the uses of the past in internet times, having YouTube as the main platform, and through this to think of this much more polyphonic perspective, which the past is inserted today, we have today a plurality of materials and of discourses about the past that in this work will be represented by the Channel Nostalgia and the video about Adolf Hitler. Through the analysis of the channel and the video it was possible to verify that most of these materials make use of the past marketing, seeking profits or in the case of the source, followers. These materials are not concerned with knowledge, with an analysis or criticism, their interest is much more informative and they are only concerned with entertaining their audience by building a parochial, episodic, factual, picturesque and anecdotal story.

Keywords: Public History; YouTube; Nostalgia Channel; uses of the past; Hitler.

Lista de Figuras

Figura 1 - O canal Nostalgia – Layout do canal	30
Figura 2 – Layout da sessão Comunidade	31
Figura 3 – Thumbnails dos vídeos	32
Figura 4 – Estrutura dos Quadros do canal Nostalgia.....	33
Figura 5 – Quadro Nostalgia Ciência	34
Figura 6 – Quadro Assuntos em pauta	35
Figura 7 – Quadro Como ficou famoso	36
Figura 8 – Quadro Fabrica Feliz	37
Figura 9 – Quadro Histórias Nostálgicas	38
Figura 10 – Quadro Expresso Nostalgia	39
Figura 11 – Quadro Retrospectiva Nostalgia	40
Figura 12 – Quadro Animatoons	41
Figura 13 – Quadro O que aconteceu?	42
Figura 14 – Quadro Nostalgia História	43
Figura 15 – Adolf Hitler/ História	44

Figura 16 – História no youtube	51
Figura 17 – Vinheta do vídeo	57
Figura 18 – Vídeos utilizados como fonte	58
Figura 19 – Meme do filme A queda	59
Figura 20 – Comentário 1	61
Figura 21 – Comentário 2	62
Figura 22 – Comentário 3	62
Figura 23 – Comentário 4	62
Figura 24 – Comentário 5	62
Figura 25 – Comentário 6	63
Figura 26 – Comentário 7	63
Figura 27 – Comentário 8	64
Figura 28 – Comentário 9	64
Figura 29 – Comentário 10	64
Figura 30 – Comentário 11	65
Figura 31 – Comentários 12 e 13	65
Figura 32 – Comentário 14	66

Figura 33 – Comentário 1566

Figura 34 – Comentário 1666

Sumário

1	Introdução.....	9
2	O <i>YouTube</i> e a revolução digital	14
2.1	O fenômeno <i>YouTube</i> : transmita-se	17
2.2	O <i>YouTube</i> e a internet como fontes para a História.....	21
2.3	Fazendo História no <i>YouTube</i>	24
3	O Canal <i>Nostalgia</i> como fonte para a História Digital.....	29
3.1	A estrutura do canal.....	31
3.2	História do Canal <i>Nostalgia</i>	44
4	Adolf Hitler/História: Usos do passado para uma História mercadológica	47
4.1	O Hitler do canal <i>Nostalgia</i>	50
4.2	Cultura participativa: interação entre produtor e consumidor.....	60
	Considerações finais.....	67
	Referências	72

1 Introdução

Acredito que seja importante começar este texto explicando o porquê da escolha deste tema e a sua relevância no campo da História. O desejo de trabalhar com o *YouTube* surgiu de uma experiência pessoal que ocorreu em 2016, quando no primeiro semestre, eu estava cursando a disciplina de Estágio Supervisionado de História I do curso de licenciatura e bacharelado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Juntamente com mais dois colegas que cursavam a disciplina, realizamos uma pesquisa sobre o uso de celulares em sala de aula. Nesta atividade, aplicamos um questionário com 47 alunos de duas turmas de oitavo ano do Colégio de Aplicação da UFSC, que revelou que 93.6% dos alunos possuem um smartphone.

As perguntas deste questionário tinham um caráter bastante amplo. A princípio, tínhamos o intuito de conhecer a realidade sociocultural dos alunos, entretanto o que nos chamou a atenção foi que, entre as duas turmas que aplicamos o questionário, apenas três dos quarenta e sete alunos não possuíam celulares. Obviamente, a maioria usa os aparelhos para entretenimento, conforme o que os mesmos responderam: para acessar redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram, entre outros, de modo que, para eles, os celulares possuem primeiramente um papel de comunicação e lazer – vimos que os aplicativos mais usados são o Whatsapp¹ e o *YouTube*. O tempo diário que a maioria deles utiliza para o acesso à internet oscila entre quatro e seis horas, podendo extrapolar esse tempo. Apenas quatro, dos quarenta e sete alunos, utilizam a internet em média de uma hora por dia. Ou seja, é impossível ignorar o fato de que falamos de jovens que estão totalmente impregnados nesse universo digital.

Também entrevistamos 10 alunos, cinco de cada turma, para um maior enriquecimento de nossa pesquisa. Por meio das entrevistas realizadas nos dias 26 e 29 de abril de 2016 e do questionário aplicado, percebemos que os alunos têm um grande interesse por jogos online, entre eles o mais famoso *League of Legends*, popular entre meninos e meninas e que todos os alunos, de ambas as turmas, possuía computadores em casa, sendo que a maioria passa entre quatro e seis horas por dia na internet. A maior parte desse tempo online é utilizado para os jogos eletrônicos ou para o acesso ao *Youtube* que aparece nas respostas de 87% dos alunos como a plataforma preferida para

¹ Aplicativo gratuito para a troca de mensagens disponível para Androides e outros dispositivos.

assistirem vídeos. Também, por meio das observações², percebemos que os *youtubers* são o “passatempo” preferido dos alunos, e que a mais vista pelos mesmos na época era a *youtuber* Kéfera Buchmann, famosa no *YouTube* e em diversas redes sociais.

Além desta pesquisa, tenho um sobrinho de 13 anos que passa em média de quatro a seis horas por dia assistindo a vídeos do *YouTube*. Quando ele não está na aula, está sempre com o celular e o fone de ouvido assistindo aos vídeos de *youtubers* famosos entre os adolescentes. Seus canais preferidos são canais sobre vídeo games, jogos, comédia e canais de entretenimento diversos. De acordo com o mesmo, um vídeo vai levando ao outro, nos “vídeos sugeridos” e ele não consegue parar de assistir.

Embora a internet e os conteúdos digitais não sejam elementos relativamente novos e como vimos, se fazem muito presentes no cotidiano dos jovens, ainda não se tem muitos estudos no campo da história que se debruçam a pesquisar e a pensar sobre esses conteúdos, ainda que eles façam parte da vida do historiador e principalmente do professor de história.

É muito comum falar e discutir história fora do ambiente acadêmico e isso acontece há muito tempo. Fazemos usos do passado para justificar, legitimar e validar argumentos sobre diversos assuntos. Existe também, em nossa sociedade contemporânea, um fascínio pelo passado, ou pelo menos sobre um determinado tipo de passado, como veremos ao longo do trabalho, e isso se desdobra em produções culturais de diferentes aspectos, chegando até mesmo ao *YouTube*

Quando falamos de História fora do mundo acadêmico, pensamos diretamente em produções cinematográficas ou midiáticas, mas a História está presente em ambientes muito diversos. Há uma forte presença da História no mundo dos games, por exemplo, além de revistas, canais de televisão, livros, *best sellers*, os guias politicamente incorretos, que buscam desconstruir a História acadêmica e considerada como oficial, e até mesmo na moda retrô, muito em voga atualmente. Um universo vasto que faz diferentes usos do passado com uma finalidade mercadológica, o que vem crescendo e se impondo nos últimos anos.

O *YouTube*, além de proporcionar entretenimento, também pode ser considerado um local de conhecimento. Há um crescimento muito grande de canais que discutam e ensinam diversos assuntos, como os canais de vídeo aulas, por exemplo, que costumam ter um grande número de visualizações. Podemos verificar, também, um

² Atividade que também fez parte do Estágio Supervisionado de História no semestre de 2016.1

aumento no número de canais que falam sobre História, como os canais *Se Liga Nessa História*, *Historizando*, *Tudo é História*, *Dez de História*, *Parabólica* e *Leitura Obrigatória* e entre os quais se destaca o canal *Nostalgia*, pelo seu número de inscritos e visualizações.

O canal *Nostalgia* possui mais de onze milhões de inscritos e é um dos canais mais famosos do Brasil. Embora seu propósito não seja falar sobre história, seus vídeos mais populares são os vídeos de conteúdo histórico e acabou ficando mais conhecido por isso, e mesmo que o canal trate de diversos outros assuntos, para além deste, é referência quando se fala de história no *youtube*, tanto que, quando se pesquisa pela palavra História na plataforma, o vídeo que usaremos como fonte neste trabalho é o primeiro a aparecer.

Neste trabalho será realizada uma análise mais geral do canal, com um recorte no vídeo intitulado “Adolf Hitler/História”. A escolha desta fonte se deu pelo grande número de acessos ao vídeo, que já ultrapassou as sete milhões de visualizações, um número muito expressivo que demonstra o seu sucesso e importância, já que há uma significativa diferença entre os números desse vídeo e dos outros vídeos do canal e uma diferença enorme se colocarmos em questão os números de outros canais de história. Também quero demonstrar, por meio da análise do vídeo, como o autor opera um processo de usos do passado. Também será analisada a recepção deste vídeo pelos usuários do *YouTube* e assinantes do canal, através dos comentários do vídeo, que também possui um número muito expressivo com mais de cinquenta e três mil comentários. Outra fonte utilizada foi uma entrevista do autor concedida ao site da Revista O Globo. Essa fonte possibilita conhecer melhor o autor e sua visão sobre o canal.

O vídeo será analisado enquanto fonte e linguagem, na medida em que possui todo um conjunto de camadas discursivas que vão além da informação histórica em si. Essas camadas também constituem uma narrativa escolhida pelo autor para construir o personagem. O vídeo, enquanto fonte, também possibilita pensar a sua autoria, o contexto em que foi produzido, as intenções do autor e as estratégias que ele utiliza para a construção de suas narrativas sobre o passado.

Será realizada uma análise do conteúdo do vídeo, refletindo sobre as possíveis razões da escolha do tema, a abordagem construída, as visões de História trazidas pelo autor, analisando como ele se apropria do passado e de que maneira ele trabalha esse personagem tão icônico que é Adolf Hitler. Também serão analisadas as estratégias

escolhidas pelo autor para montar o vídeo, desde a linguagem, até o uso da trilha sonora.

Trabalhar com o *YouTube* significa lidar com uma diversidade de desafios, mas também pode oferecer algumas vantagens. Anita Lucchesi³ nos aponta alguns desses desafios, que são com relação a conservação, a verificabilidade, imaterialidade e fragilidade dessas fontes. Já as vantagens são a capacidade de armazenamento, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade e hipertextualidade. Outra vantagem que a internet traz é a sua interatividade. Embora sejam poucos, alguns historiadores se dedicam a pensar essa questão da fonte digital para o campo da História, e Anita Lucchesi é uma delas, cujo trabalho foi bastante importante para esta pesquisa, não apenas com relação as fontes digitais mas também em relação a História Pública

O campo escolhido para trabalhar com este tema é o campo da História Pública, já que a mesma explora e apresenta o conhecimento histórico em uma variedade de formas que vão além dos foros acadêmicos, e o *YouTube* é um excelente espaço para se fazer e se trabalhar com essa questão. A História Pública, neste trabalho, vem ajudar a interpretar o Canal Nostalgia e principalmente o vídeo escolhido como fonte, na perspectiva de tentar entender que usos do passado são feitos nesse vídeo. Nesse sentido, os principais autores escolhidos para trabalhar com a História Pública são: Juniele Rabelo de Almeida (2011); Marta Gouveia de Oliveira Rovai (2011); Ana Maria Mauad (2016); Anita Lucchesi. (2016) e Bruno Leal (2016). Esses autores ajudam a pensar como pode ser traduzida, fora do ambiente acadêmico, essa produção ou intenção de propor um conhecimento histórico que se encontra em circulação em diversos suportes e tecnologias.

Outros autores que são referência para esse trabalho são: Manuel Castells (1999); Henry Jenkins (2009); Jean Burgess e Joshua Green (2009); Caroline Kurovski (2015). Esse grupo foi muito importante para pensar o *YouTube* e principalmente como a internet tem mudado o cotidiano e a vida das pessoas. Os autores que trabalham com o *YouTube* e a internet como fonte são: Marcos Napolitano (2005) e Anita Lucchesi (2013). Estes dois autores ajudam a pensar nas dificuldades de se trabalhar com fontes

³ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. Disponível em:

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf> p. 10 Acessado dia 22 de abril de 2018.

audiovisuais e digitais, mas também apresentam algumas vantagens que essas fontes possuem.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo é feito um histórico do *YouTube* e de como esta plataforma vem crescendo e modificando o cotidiano dos jovens, principalmente no Brasil, além de uma breve discussão sobre os desafios e potencialidades de se trabalhar com o *YouTube* e a internet como fontes. No segundo capítulo é feita uma apresentação do canal *Nostalgia* bem como de seu autor Felipe Castanhari e de como o canal começou e vem crescendo até então. O terceiro e último capítulo é uma análise do vídeo sobre a história de Adolf Hitler do canal, principal fonte deste trabalho, assim como a análise da recepção desse vídeo através dos comentários feitos no mesmo pelos inscritos do canal.

O conjunto destes capítulos tem como objetivo refletir sobre os usos do passado em tempos de internet, tendo o *YouTube* como essa plataforma principal, e por meio disso pensar nessa perspectiva muito mais polifônica, a qual o passado está hoje inserido. Há uma multiplicidade de sujeitos e falas, o que acaba nos impondo muito mais desafios, desafios estes que são interpretar essas múltiplas vozes acerca do passado. É preciso reconhecer que temos hoje, uma pluralidade de materiais e de discursos acerca do passado. Nesse sentido, este trabalho também tem como objetivo problematizar que materiais são esses, que discursos eles apresentam, o que eles se propõem a discutir e o que não se propõem e o que isso fica pra nós historiadores, pensando na relação com o nosso próprio trabalho.

2 O YouTube e a revolução digital

Vivemos imersos e rodeados de novas tecnologias. No mundo de hoje, é muito difícil encontrarmos alguém que não tenha pelo menos um celular, mesmo que seja do mais simples. Nas residências de classe média, encontramos pelo menos um computador, notebooks e um celular para cada morador. Até mesmo nos lugares de mais difícil acesso, a internet faz parte do dia a dia das pessoas. Esse é o caso de Awipdavi Urueu, indígena da tribo Uru-Eu-Wau-Wau, localizada em Rondônia:

"Acesso a internet por meio de uma antena que eu mesmo comprei. De todas as aldeias, só a nossa tem esse tipo de conexão. Como aqui não tem sinal de telefone, é a forma que consegui para trocar ideias e conhecer pessoas novas, como você", disse ele à BBC Brasil. A antena, conta, custou cerca de R\$ 2 mil, valor que a aldeia pagou "em parcelas mensais de R\$ 100".⁴

Estamos vivendo a era da informação e a todo momento vem surgindo novas tecnologias que acabam fazendo parte do nosso dia a dia. Como consequência dessas novas tecnologias, a propagação de informações acontece de uma forma incrivelmente veloz, o que faz com que o cotidiano dessas pessoas seja alterado, pois precisam se adaptar às novas formas de comunicação e passam a ser muito dependentes dessas novas tecnologias, tornando a internet essencial e indispensável para as relações interpessoais.⁵

Então, quando falamos de transformações tecnológicas, chegamos imediatamente ao impacto e as transformações que a internet e suas infinitas possibilidades trouxeram a vida das pessoas, principalmente depois da banda larga, quando a transmissão de dados e a comunicação passaram a ser em alta velocidade, fazendo com que as pessoas tenham acesso a diversos conteúdos, seja para trabalho, pesquisa ou apenas para diversão. Não podemos negar que a internet transformou a vida e o cotidiano das pessoas. Antes se levava horas para pesquisar alguma coisa, agora em alguns segundos temos acesso a milhões de informações. Em outros tempos, para comprar alguma coisa era preciso se dirigir até o estabelecimento desejado, hoje

⁴ BARRUCHO, Luís Guilherme. IBGE: Metade dos brasileiros estão conectados à internet; Norte lidera em acesso por celular. 29 abril 2015. <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150429_divulgacao_pnad_ibge_lgb> Acessado em 20 de março de 2018.

⁵ QUEIROZ, Igor Raphael Gouveia de. O Youtube como ferramenta da cultura midiática participativa. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0233-1.pdf>> p.1 Acessado em 16 de março de 2018.

podemos comprar a maioria das coisas sem sair de casa, além de outras infinitas possibilidades que a internet nos trouxe.⁶

Para Castells⁷, a internet pode ser compreendida como um espaço de fluxos de informações que podem ser compartilhadas independentemente de limitações geográficas e tem um índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história. Para este autor, quando a audiência é composta por sujeitos interativos, ou seja, quando o meio de comunicação abre espaço para interação entre quem apresenta o conteúdo e o consumidor, os impactos sobre o imaginário e, conseqüentemente, sobre a cultura, são diferentes. A interatividade abre caminho para a segmentação, adequação da mensagem ao público e a individualização. O *YouTube* é um exemplo perfeito disso, já que abre espaço para que os usuários possam comentar os vídeos produzidos e o produtor do vídeo também possa responder aos comentários.

O mesmo acontece no conceito de cultura da convergência de Henry Jenkins⁸, que a define como um fluxo de conteúdos de múltiplas plataformas de mídia, assim como a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao tipo de comportamento migratório do público para com os meios de comunicação. Para ele, essa convergência também existe quando há transição em meio a diferentes plataformas: do rádio ao cinema e da televisão à internet, por exemplo.

De acordo com Jenkins e sua teoria de cultura da convergência, uma das características que fazem com que a internet seja cada vez mais utilizada é a possibilidade de enriquecer a notícia, apresentando o mesmo conteúdo por diferentes formas e também com a possibilidade de interação entre quem produz o conteúdo e quem o consome. Essa é uma ótima descrição do *YouTube*, que dá diversas possibilidades para a interação dos membros e também para a colaboração entres os mesmos na criação e enriquecimento desses conteúdos. Essas interações podem ser vistas tanto na produção de vídeos quanto na recepção e na troca de opiniões nos comentários. Quando alguém produz um vídeo está automaticamente compartilhando um conhecimento e quando quem assiste a esses vídeos tem acesso ao conteúdo apresentado, tendo a possibilidade de comentar o vídeo com alguma outra ideia,

⁶ QUEIROZ, Igor Raphael Gouveia de. O Youtube como ferramenta da cultura midiática participativa. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0233-1.pdf>> p.1 Acesso em 16 de março de 2018.

⁷ CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 439.

⁸ JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 27.

agregando novos pontos de vista ao conhecimento compartilhado. De acordo com Jenkins, é então que acontece a convergência cultural ou uma troca cultural.

Como vimos, o *YouTube* é um representante perfeito dessa nova era da informação e dessa cultura da convergência. Ele possibilita rápido acesso a informações e a diferentes tipos de conteúdos, sejam eles sonoros, de imagens ou de serviços em geral, o que revela novos meios de consumo e reprodução midiática.

O *YouTube* é conhecido mundialmente e é uma das plataformas mais acessadas diariamente em diversos países. Os usuários acessam o *YouTube* em busca de diversos conteúdos e atividades, seja para ouvir música, assistir a um vídeo, pesquisar informações e alguns utilizam até mesmo para estudar e adquirir conhecimento. É no *YouTube* que encontramos uma diversidade de conteúdos que podem agradar a um público muito diversificado

No Brasil o *Youtube* tem feito muito sucesso e vem se tornando uma plataforma cada vez mais popular, levando o país ao segundo lugar mundialmente em horas assistidas. O total de acessos mensais na plataforma chega a 1,5 bilhão de pessoas, e 95% da população brasileira, que possui redes sociais utiliza a plataforma, totalizando 98 milhões. Os dados são do *Youtube Insights 2017*, e eles nos mostram que a plataforma possui uma relevância e influência muito grande sobre consumo de conteúdo atualmente.⁹

O *YouTube* cresceu tanto que acabou virando trabalho para muitas pessoas. Atualmente, tanto no Brasil quanto em diversos outros países, existem pessoas que tem o *YouTube* como única fonte de renda. Essa renda é proveniente dos anúncios dos vídeos, do número de inscritos no canal e do número de visualizações, e quanto maior for o número de inscritos, maior será o número de anúncios, ou seja, quanto maior for o canal maior será a renda.

A plataforma funciona através de canais onde os criadores desenvolvem seus trabalhos fazendo o upload de vídeos, e o acesso a estes conteúdos pode ser feito através de uma busca na internet ou na própria plataforma. Existem canais com conteúdos diversos e indica-se que o usuário faça a inscrição no canal que lhe é conveniente seguir, de acordo com aquilo que gosta ou se identifica. Desta maneira, as notificações de novas postagens serão alertadas conforme estas forem sendo feitas pelos autores dos vídeos. Hoje, no Brasil, é muito comum as pessoas terem canais no *YouTube*,

⁹ *Youtube Insights 2017*. Disponível em <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/>> Acessado: 07 de setembro de 2017.

principalmente os adolescentes, e é o sonho de muitos daqueles que possuem um canal e levam o mesmo a sério, verem o mesmo crescer e tirar sua renda deste trabalho.

2.1 O fenômeno *YouTube*: transmite-se

Não podemos negar que o *YouTube* hoje faz parte do dia a dias das pessoas, principalmente dos mais jovens. Uma pesquisa realizada no ano de 2016 com 40 alunos entre 13 e 15 anos, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, apontou que a maioria desses alunos passam de 4 a 6 horas por dia na internet e 87% deles passam a maior parte desse tempo assistindo a vídeos do *YouTube*.

É fato que a plataforma cresceu muito nos últimos anos e acabou se tornando um fenômeno que é capaz até mesmo de alterar o cotidiano dos jovens, já que estes passam boa parte dos seus dias assistindo a vídeos disponíveis na plataforma. Mas como o *YouTube* nasceu e como acabou virando esse fenômeno? É o que veremos a seguir.

Segundo Jean Burgess e Joshua Green¹⁰ o *YouTube* foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, ex- funcionários do site de comércio on-line PayPal. A plataforma foi oficialmente lançada, sem muito alarde, em junho de 2005. A inovação tecnológica que foi o *YouTube* era na verdade, um entre vários serviços concorrentes que já lutavam contra barreiras técnicas para conquistar um maior compartilhamento de vídeos na internet. Por sua vez, esta nova tecnologia, que era a plataforma, chegou disponibilizando uma interface bastante simples, dentro da qual o usuário podia publicar e assistir vídeos sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico e dentro das restrições tecnológicas da época. O *YouTube* não colocou uma quantidade limite de vídeos a serem postados por cada usuário, pois a plataforma oferecia funções básicas de comunidade, como se conectar a outros usuários, e ainda gerava URLs e códigos HTML que permitiam o compartilhamento e a incorporação de vídeos em outros sites, o que o diferenciava ainda mais de outras plataformas de vídeos da época. A única limitação do *YouTube* era o tempo de duração dos vídeos que podiam ser transferidos para a plataforma, e nisso ele era similar as outras plataformas de vídeo online.

O sucesso do *YouTube* chegou em outubro de 2006, quando a empresa Google o comprou por 1,65 bilhão de dólares. Em novembro de 2007, ele já era a plataforma de

¹⁰ BURGESS Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. p.17

entretenimento mais popular do Reino Unido, deixando o site da BBC em segundo lugar. No começo de 2008, estava entre os dez sites mais visitados do mundo, e em abril de 2008 hospedava em torno de 85 milhões de vídeos, um aumento que foi dez vezes maior do que no ano anterior e que não parava de crescer. A comScore, empresa de pesquisa de mercado da internet, divulgou que o serviço respondia por 37% de todos os vídeos assistidos nos Estados Unidos, com o segundo maior serviço, a Fox Interactive Media, ficando com apenas 4,2%. Sendo uma comunidade de conteúdo gerado por usuários, o seu gigantesco tamanho e a popularidade do *YouTube* entre as massas foi algo completamente novo.¹¹

Mas, como esse sucesso do *YouTube* aconteceu? Burgess e Green trazem três versões diferentes sobre o sucesso estrondoso e o despontar da popularidade da plataforma entre as massas. De acordo com a comunidade tecnológica, o crescimento do *YouTube* na época, pode ser traçado a partir de um perfil do site publicado pelo blog de tecnologia e negócios, que era bastante respeitado, o *TechCrunch*, em 08 de agosto de 2005, o que entrou como página principal do site *Slashdot*, site este em que seu foco são as notícias de tecnologia voltadas ao usuário. Esse site tanto criticou a arquitetura tecnológica do *YouTube* como o colocou em sua lista de sites que mereciam sua atenção.¹²

Na segunda versão, Jawed Karim, um dos cofundadores do *YouTube* que acabou deixando o negócio para retornar a faculdade em 2005, afirma que o sucesso da plataforma se deve a implementação de quatro recursos essenciais: recomendações de outros vídeos através da lista de “Vídeos relacionados”, um link de e-mail que permite o compartilhamento de vídeos, os comentários e outras funcionalidades que lembram uma rede social e um reprodutor de vídeo que pode ser anexado em outras páginas da internet.¹³

A terceira versão de todo esse sucesso está relacionada a um quadro cômico do *Saturday Night Live*, um programa de televisão da rede NBC, que mostrava dois moradores de Nova Iorque que eram nerds estereotipados cantando um rap sobre comprar bolinhos e assistir ao filme *As crônicas de Nárnia*. Este vídeo foi postado no *YouTube* e em dezembro de 2005 este clipe acabou se tornando o primeiro hit do *YouTube*. O clipe foi visto 1,2 milhões de vezes em seus dez primeiros dias na

¹¹Idem. p.17

¹²Ibidem, p. 18.

¹³Ibidem. p.19

plataforma, e mais de 5 milhões de vezes em fevereiro de 2006. Foi quando a NBC exigiu que o *YouTube* retirasse o vídeo junto com outros 500 que pertenciam ao canal, caso contrário entrariam com uma ação legal com base na Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital. E essas são as três versões de como o *YouTube* cresceu rapidamente em meados de 2006.¹⁴

Após todo esse sucesso e ascensão e de se tornar um assunto frequente nas mídias de massa, surgem alguns questionamentos em relação ao *YouTube* e sobre o que ele realmente era. Seria o *YouTube* outra moda passageira, amada pela turma da tecnologia? Uma invenção inteligente que as pessoas precisariam serem convencidas a usar? Ou uma plataforma de distribuição de mídia, como a televisão? A verdade é que essa ascensão do *YouTube* ocorreu em meio a incertezas e contradições sobre para que a plataforma realmente servia. A missão declarada do *YouTube* foi mudada por diversas vezes, tanto pelas práticas corporativas como pela sua utilização pela audiência. Em agosto de 2005, o “Quem somos” da plataforma oferecia somente dicas vagas para tentar explicar os possíveis usos do mesmo:

“Exiba seus vídeos favoritos para o mundo.
Faça vídeos de seus cães, gatos e outros bichos.
Publique em seu blog os vídeos que você fez com sua câmera digital ou celular.
Exiba seus vídeos com segurança e privacidade aos seus amigos e familiares no mundo todo
... e muito, muito mais!”¹⁵

Nesses primeiros momentos a plataforma apresentava o slogan *Your Digital Video Repository* (“Seu Repositório de Vídeos Digitais”), o que depois passou a ser *Broadcast yourself* (algo como “transmita-se”). A plataforma passou por uma grande mudança de conceito, de um recurso de armazenagem pessoal de vídeos para uma plataforma destinada a expressão pessoal. Apesar da insistência de que o serviço se destinava ao compartilhamento de vídeos pessoais entre as redes sociais da época, o que agradou mesmo ao público foi uma combinação da popularidade em grande escala de alguns vídeos criados por usuários e o emprego da plataforma como meio de distribuição de conteúdo das empresas de mídia. Essa combinação também fez com que

¹⁴BURGESS Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. p.19

¹⁵Ibidem. p.20

o *YouTube* virasse o foco central no que diz respeito a disputas por direitos autorais, cultura participativa e estruturas comerciais para distribuição de vídeos na internet.¹⁶

Embora o *YouTube* não produza seu conteúdo por si mesmo, podemos dizer que hoje ele é uma plataforma e um agregador de conteúdo. De acordo com David Weinberger¹⁷ a plataforma vem se tornando, o que este autor chama de “metanegócio”, uma nova categoria de negócio que aumenta o valor da informação desenvolvida em outro lugar e beneficia os criadores dessa informação. Sendo assim, o *YouTube* passou a atrair a atenção para o conteúdo dos produtores de vídeo e passou a oferecer uma participação em dinheiro nas vendas de anúncios na plataforma. Segundo Burgess e Green¹⁸ hoje o *YouTube* pode ser apresentado como um negócio, por meio de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line, onde os próprios usuários fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências.

Os usuários do *YouTube* permanecem fazendo a inserção de vídeos na plataforma. Estes usuários constituem um grupo muito diversificado e com diferentes interesses, tendo a participação de grandes produtores de mídia como canais de televisão, grandes anunciantes, pequenas e médias empresas em busca de meios de distribuição e alternativas aos sistemas de veiculação em massa, instituições culturais, artistas, ativistas, fãs, leigos e produtores amadores de conteúdo. Cada um com seus objetivos o que fazem do *YouTube* uma plataforma de cultura participativa.¹⁹

De acordo com Henry Jenkins²⁰, a cultura participativa é um termo geralmente usado para descrever a aparente ligação entre tecnologias digitais mais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores, uma incrível descrição do que é o *YouTube*.

A plataforma do *YouTube* é um objeto de estudo particularmente instável, marcado por mudanças e diversidade de conteúdos. Hoje, pode ser entendida por dois modos. O primeiro seria como uma plataforma de distribuição que pode popularizar os produtos da mídia comercial, desafiando o alcance promocional monopolizado pela mídia de massa. Ao mesmo tempo, seria também uma plataforma para conteúdos criados por usuários, que podem por sua vez, desafiar a cultura comercial popular. Por não haver ainda uma

¹⁶ BURGESS Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade.* São Paulo: Aleph, 2009. p.21

¹⁷ Idem. p. 21

¹⁸ Ibidem. p.21

¹⁹ Ibidem p.14

²⁰ JENKINS, Henry. *Cultura da convergência.* 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 152.

compreensão unificada sobre a cultura do *YouTube*, cada estudo sobre o site proporciona diferentes noções do que a plataforma realmente é.²¹

É certo que o *YouTube* tem seu lugar dentro da longa história e do futuro muitas vezes incerto, diante das mudanças das mídias, das políticas de participação cultural e no crescimento do conhecimento. É possível afirmar que o *YouTube* é tanto um sintoma quanto um agente das transições culturais e econômicas que estão ligadas de alguma maneira as tecnologias digitais, a internet e a participação mais direta dos usuários. Assim como jogos online são capazes de suportar um grande número de jogadores, o *YouTube* ilustra as relações cada vez mais complexas entre seus produtores e seus consumidores na criação do significado, valor e atuação. O *YouTube* não deixa dúvidas de que é uma plataforma de ruptura cultural e econômica.²²

Para Jean Burgess e Joshua Green²³ o *YouTube* não tem preocupações quanto a origem dos vídeos, já que estes são valorizados de acordo com seu gênero e seus usos dentro da plataforma, assim como sua relevância na vida cotidiana dos usuários e seu número de visualizações, não importando se o vídeo foi postado na plataforma por um estúdio de Hollywood, uma empresa de Web TV ou por um videoblogueiro amador. Estes autores classificam o *YouTube* como patrocinador da criatividade coletiva.

2.2 O *YouTube* e a internet como fontes para a História

Trabalhar com o *YouTube* como fonte impulsiona e possibilita o trabalho com as fontes audiovisuais que são hospedados na plataforma. A fonte que será analisada neste trabalho é o vídeo sobre a história de Adolf Hitler do canal *Nostalgia*, vídeo este que possui mais de sete milhões de visualizações.

De acordo com Napolitano, as fontes audiovisuais precisam ser entendidas nas suas estruturas internas de linguagem e em como elas representam o mundo ao redor a partir dos seus próprios mecanismos internos. Um determinado tipo de cena de um

²¹ KUROVSKI, Caroline. PLATAFORMA YOUTUBE, PRODUÇÕES INDEPENDENTES E EDUCOMUNICAÇÃO: possibilidades para um saber alternativo. Disponível em <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43498/PLATAFORMA%20YOUTUBE,%20PRODUCOES%20INDEPENDENTES%20E%20EDUCOMUNICACAO%20possibilidades%20para%20um%20saber%20alternativo.pdf?sequence=1>>. Acesso em 25 de março de 2018.

²² BURGESS Jean; GREEN, Joshua. *YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade.* São Paulo: Aleph, 2009. p.33

²³ *Ibidem.* p.21

filme ou de um vídeo e até mesmo a linguagem dos mesmos, vão carregar uma série de imagens mentais e sentidos por conta de uma bagagem cultural que nós absorvemos durante décadas de exposição massiva a indústria cultural.²⁴

A análise de fontes audiovisuais possui dois aspectos; a decodificação técnico-estética, ou seja, entender a parte técnica e estética do vídeo a ser analisado, assim como a linguagem utilizada pelo mesmo; e a decodificação representacional, ou seja, entender as particularidades da representação em si, quais e como os personagens e os processos históricos são representados.²⁵

Como discutimos anteriormente, nossa sociedade contemporânea tem um fascínio pelo passado, fascínio este que acabou se tornando um fenômeno político, social e econômico bem mais amplo em torno do passado, e isso inclui também um grande aumento de revistas de história, filmes, documentários históricos e a própria moda retrô pode ser incluída nesse fenômeno.

Esse fascínio pelo passado encontrou no ambiente digital um terreno fértil para se desdobrar em produções culturais de variados portes ou apenas para se manifestar em suas redes sociais, como é muito comum e isso é História Pública. Mas não só isso, a História Pública vai muito além, pois não se trata apenas de ensinar e divulgar determinado conhecimento, acredita-se em uma pluralidade de disciplinas e na integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente.

O *YouTube* e a internet podem ser considerados um ótimo campo para a História Pública, já que estes podem ser uma forma de propagação do saber histórico para um público mais amplo e a História Pública não se restringe aos profissionais de História, abrindo espaço para uma interdisciplinaridade de distintos especialistas. Deve-se levar em consideração, ao analisar estas fontes, que estas não são oriundas do conhecimento acadêmico. Desta maneira, não carregam a responsabilidade de obedecer teorias e metodologias próprias da ciência Histórica.²⁶

²⁴ NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. pp: 231-290. In: PINSKY, C. B (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 238.

²⁵ Idem

²⁶ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. Disponível em:
<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-

Para Lucchesi,²⁷ um dos desafios que essas fontes colocam em questão é a intensificação do problema da conservação. É a conservação que atribui ao saber histórico um caráter “potencialmente universal”, procurando garantir verificabilidade às informações que se tornam públicas. Tal verificabilidade só pode ser garantida na Internet se, além das operações de seleção, se tomem também medidas de preservação. Ainda que problemas similares também se fizessem presentes na época das antigas bibliotecas, ou mesmo na fundação de cada arquivo, hoje este problema se coloca de maneira muito mais intensa.

Mais um desafio apresentado por Lucchesi é a imaterialidade e fragilidade dos arquivos digitais, pois frequentemente arquivos e páginas deixam de existir, e isso é uma característica crítica do formato digital que, junto à sua volatilidade e dinamicidade, implicam em não poucos problemas de ordem metodológica para o trabalho historiográfico, colocando em questão a “usabilidade” de fontes neste formato.²⁸

É estranho pensar que a abundância de fontes possa ser um problema, mas este é mais um dos desafios, de acordo com Lucchesi. Existe uma abundância de fontes e materiais disponíveis na internet e também uma instantaneidade dessas fontes, mas ao mesmo tempo temos a incerteza do que pode acontecer com elas frente à instabilidade da internet.

Considerando as questões acima, para se fazer uma História Pública e digital, devemos usar a internet estando conscientes de suas vantagens e desvantagens. Entre as vantagens, tocam questões como capacidade de armazenamento, acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade. Entre as desvantagens, estariam aspectos relacionados à superinformação na rede, como qualidade, durabilidade, leiturabilidade, passividade e inacessibilidade, já que muitos

HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf > p. 10 Acessado dia 22 de abril de 2018.

²⁷ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf> p. 10 Acessado dia 22 de abril de 2018.

²⁸ LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf> p. 10 Acessado dia 22 de abril de 2018.

conteúdos acabam desaparecendo da internet, muitas vezes retirados pelos próprios autores.

Dentre as vantagens da internet temos a sua interatividade. Esta vantagem inaugura uma nova relação com o conteúdo histórico em que todo ponto de consumo, através do diálogo que a internet possibilita, também pode ser ponto de produção. Esta interatividade possibilita múltiplas formas de diálogos sociais, não apenas entre historiadores profissionais, mas entre profissionais e não-profissionais, professores e estudantes, estudantes e estudantes e todas as pessoas que estiverem de alguma maneira refletindo sobre o passado na rede. Essa vantagem é claramente vista no *YouTube*, já que a plataforma possibilita essa interatividade através dos comentários feitos pelos usuários no vídeo, ainda possibilitando o produtor do conteúdo de responder esses comentários.

Então, vemos que a internet pode potencialmente ser um meio indutor de produção de uma história ao alcance de todos, por isso em tese mais democrática e mais aberta e que ela também apresenta novos desafios, como o controle de acesso e autoridade (quem tem habilidades técnicas e formação necessária para fazer sentido do passado como história). Ela também acarreta uma mudança no status de historiador como produtor de conhecimento histórico e o leigo apenas como público consumidor.

2.3 Fazendo História no *YouTube*

O *YouTube* além de entretenimento, também é lugar de conhecimento, e para muitos ele é capaz de proporcionar os dois ao mesmo tempo. Entre milhões de canais com conteúdos tão diversificados, o que se tem percebido nos últimos anos é um aumento de canais com conteúdo histórico. É possível encontrar no *YouTube* centenas de canais que discutam e ensinem História, e no Brasil existem alguns canais que se destacam com esse tipo de conteúdo.

Discutir e falar sobre história fora do ambiente acadêmico se tornou algo comum. Há muito tempo, se fala sobre história em uma conversa entre amigos ou até mesmo em um almoço de família (o que é muito comum no meu caso). Frequentemente, recorremos ao passado para justificar, validar ou legitimar nossos argumentos sobre diversos assuntos.

Anita Lucchesi e Bruno Leal²⁹ apresentam uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2013, por uma empresa especializada em medir a percepção de marcas entre consumidores, esta pesquisa coloca o *History Channel* como a quarta marca mais amada pelos estadunidenses. Esse resultado pode ser considerado um símbolo do enorme interesse em história da nossa sociedade contemporânea, e esse é apenas um dos exemplos de um fenômeno político, cultural e econômico bem mais amplo em torno do passado. No Brasil, onde os folhetins televisivos têm grande audiência, incontáveis minisséries³⁰ de sucesso tiveram como enredo questões de fundo histórico. Além de ter várias revistas³¹ históricas com fim de divulgação científica.³²

O *YouTube* é um espaço para todo o tipo de conteúdo e é possível criar projetos bem-sucedidos em diversas áreas. A História é uma delas. E talvez seja uma das mais promissoras. De acordo com Bruno Leal de Carvalho do site *Café História*³³, não bastam apenas boas ideias para montar um bom canal de história no *YouTube*, além de boas ideias é preciso saber, por exemplo, onde se quer chegar com o canal, o público a ser alcançado, a linguagem certa, a estratégia correta para monetizar os vídeos e tornar o projeto sustentável.³⁴

Como dito anteriormente, no Brasil temos alguns canais que se destacam quando o assunto é história, entre esses canais estão: *Se Liga Nessa História*, *Historizando*, *Tudo é História*, *Dez de História*, *Parabólica*, *Leitura Obriga HISTÓRIA*, *Buenas ideias e Brasil Paralelo*. O canal *Se Liga Nessa História* produz vídeos sobre História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Os vídeos possuem uma duração média de 30 minutos e os professores buscam uma narrativa humorada, o que em minha opinião faz com que seja um canal bastante conhecido, com quase 800.000 inscritos. O projeto é conduzido pelo Professor Walter Solla, bacharel em História pela Universidade de São

²⁹ LUCCHESI, Anita; CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. “História digital: Reflexões, experiências e perspectivas”. In: Mauad, Ana Maria; Almeida, Juniele Rabêlo de; Santhiago, Ricardo (org.) História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 149

³⁰ O Tempo e o Vento (1985/2014); República (1989); Guerra de Canudos (1997); A casa das sete mulheres (2003); entre outras.

³¹ Estudos Históricos; História: Questões e Debates; Revista Brasileira de História; entre outras.

³² MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

³³ O Café História foi fundado em 2008 por Bruno Leal Pastor de Carvalho, com o intuito de ser uma plataforma de divulgação de história e de debate entre professores, estudantes e pesquisadores. Em 2017, o Café História deixou de ser uma rede social e se tornou um portal exclusivo de divulgação de história que tem como principal objetivo divulgar a história produzida no meio acadêmico para o grande público e para os próprios historiadores. Além do fundador e editor o portal conta com subeditora Ana Paula Tavares.

³⁴ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. YouTube para historiadores. 2017. Disponível em <<https://www.cafehistoria.com.br/youtube-para-historiadores/>> Acessado dia 28 de março de 2018.

Paulo e pelo Produtor Ary Neto, Bacharel em Lazer e Turismo também pela USP e Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Walter Solla é responsável pelos vídeos de História, Renata Esteves pelos vídeos de Sociologia, Daniel Gomes pelos vídeos de Filosofia e Tiago Abrantes pelos vídeos de Geografia. Além do canal, o *Se Liga Nessa História* possui uma plataforma paga que funciona como um curso preparatório para o vestibular.³⁵

O canal *Historizando* foi fundado em 2015 pela professora Tatiana Rezende, que é formada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais em 2012 e em Comunicação Social pela mesma Universidade em 2016. O canal foi criado com o objetivo de ajudar os estudantes com dificuldades na disciplina de História, mas tem seu foco principal em auxiliar os alunos que estejam em ano de vestibular e ENEM. O conteúdo dos vídeos passa por diversos períodos da História e possuem de 10 a 20 minutos, sendo que o canal possui quase 40.000 inscritos.³⁶

O canal *Tudo é História* foi criado em 2015 pelo professor Hilário Xavier³⁷ e tem como proposta ajudar a divulgar e socializar de maneira democrática o conhecimento sobre o passado da humanidade. Os vídeos do canal possuem entre 10 e 30 minutos, e é perceptível que o canal tem um enfoque político e seus vídeos também são voltados ao público vestibulando. O canal possui mais de 50.000 inscritos.³⁸

O canal *Dez de História* foi criado em 2014 pelo professor Victor Rysovas, que é graduado em Bacharelado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e possui mestrado em Educação pela mesma universidade (2016). O canal, assim como os demais, possui um enfoque no vestibular e no ENEM, seus vídeos possuem entre 10 e 20 minutos e passa por diversos períodos da História, com um enfoque na História do Brasil. O canal possui atualmente um pouco mais de 22.000 inscritos.³⁹

O canal *Parabólica* foi fundado em 2015 pelo professor Pedro Rennó que é graduado em História pelo Centro Universitário Barão de Mauá (2006) e possui especialização em História da Cultura e da Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009). Diferente dos outros canais, este não tem um enfoque no vestibular (apesar de ter alguns vídeos voltados para este público), é possível dizer que seus vídeos

³⁵ Canal Se Liga Nessa História <<https://www.youtube.com/user/seliganessahistoria1>>

³⁶ Canal Historizando <https://www.youtube.com/channel/UCzBqM9Gs_XnfOjpoZmwUriQ>

³⁷ Nenhuma informação disponível sobre sua formação

³⁸ Canal Tudo é História <<https://www.youtube.com/channel/UC1FRhz5TiB7Mdh0wP0kmxrg>>

³⁹ Canal Dez de História <<https://www.youtube.com/channel/UCxmq8mfKzOdLvjYcHFcm0wQ>>

são voltados para um público geral que gosta de História, com um intuito de dialogar com quem assiste. Atualmente o canal possui um pouco mais de 112.000 inscritos.⁴⁰

O canal *Leitura ObrigaHISTÓRIA* foi fundado em 2015 por Icles Rodrigues, Bacharel, licenciado e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e atualmente é doutorando em História pela mesma instituição. O canal também conta com a participação da Historiadora Luanna Jales, Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e da Antropóloga Mariane Pisani, doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. O canal tem como objetivo, levar conteúdo acadêmico a todos os públicos de forma acessível. O canal possui resenhas de livros em vídeo, curtas biografias de acadêmicos renomados, vídeos sobre fontes históricas, vídeos explicando conceitos históricos e procura trazer indicações de livros sobre diferentes assuntos históricos. O canal possui atualmente um pouco mais de 78.000 inscritos.⁴¹

O canal *Buenas Ideias* foi fundado pelo jornalista Eduardo Bueno no ano de 2017, Bueno se coloca como pesquisador, escritor e agora youtuber. O objetivo do canal, de acordo com o autor, é contar a História do Brasil de um ponto de vista divertido. Ele busca por um público vestibulando e isso fica claro através do quadro “Não Vai Cair no ENEM”, que contém vídeos novos toda quarta e que busca debater sobre possíveis temas que irão cair no ENEM ou em outros vestibulares. O canal possui atualmente 310.678 inscritos.⁴²

O canal Brasil Paralelo foi fundado em 2016 por uma produtora independente, o canal nasceu com a ideia de propagar conteúdo sobre história e política para o público brasileiro. O projeto existe tanto no *YouTube* como em um site próprio, que consegue continuar ativo devido ao investimento privado dos seus assinantes, que ao comprar o pacote vitalício tem acesso a todas as produções do grupo, já que no *YouTube* só é publicado alguns vídeos. O canal possui 728.076 inscritos.

E quando um canal que fala sobre história não é feito por um historiador? Esse é o caso de um dos canais mais famosos do Brasil, o canal *Nostalgia*. O conteúdo do canal não é unicamente sobre história, mas os vídeos sobre o assunto são os mais visualizados do canal chegando a ter milhões de visualizações. O canal se encontra atualmente na lista dos 10 canais brasileiros mais populares e com maior número de

⁴⁰ Canal Parabólica <https://www.youtube.com/channel/UCeLwY_iqGhtq3AIdAEvT9-g>

⁴¹ Canal Leitura ObrigaHISTÓRIA
<<https://www.youtube.com/channel/UCtMjnvODdK1Gwy8psW3dzrg>>

⁴² Canal Buenas ideias <<https://www.youtube.com/channel/UCQRPDZMSwXFEDS67uc7kIdg/featured>>

inscritos. Ocupando a décima posição, possui, no momento, mais de 11.385.000 inscritos.

Se o canal *Nostalgia* não é produzido por um Historiador, porque seus vídeos sobre História são tão conhecidos e possuem muito mais acessos que os outros canais? Acredito que a resposta esteja na popularidade do canal, já que o seu foco principal chama muita atenção, pois, como visto anteriormente, o passado causa certo fascínio em nossa sociedade contemporânea e ele faz uso do passado e da nostalgia que este causa as pessoas, atraindo milhões de seguidores. Acredito que outro motivo que faz o canal ser tão conhecido pelo *Nostalgia História*, são os assuntos abordados em seus vídeos, assuntos que chamam atenção e que ainda se fazem muito presentes pelas narrativas históricas, como por exemplo o vídeo que serve como fonte deste trabalho em que fala sobre a História de Adolf Hitler, já que a experiência histórica do Nazismo marcou o século XX, tanto pelos seus feitos como pela forma como tem sido lembrado e as vezes até mesmo utilizado para estimular visões distorcidas do assunto. O fato é que Hitler, sem dúvidas, é um dos personagens históricos mais lembrados atualmente, pois os filmes sobre o mesmo e sobre a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, possuem grande difusão e aceitação do público.

Estamos vivendo a era da informação e vivemos rodeados de novas tecnologias. Não podemos negar que a internet transformou o cotidiano e a vida das pessoas, e isso também acontece com o campo da História, já que muitas fontes hoje se encontram *online*, ocasionando diferentes desafios e potencialidades para se trabalhar com essas fontes. A chegada do *YouTube* abriu ainda mais o caminho para essas fontes, pois com o crescimento da plataforma, cresce também as múltiplas vozes que utilizam da mesma para difundir conhecimento histórico, fazendo diferentes usos do passado. O canal *Nostalgia* é uma dessas vozes, e no Brasil é a mais conhecida. Veremos a seguir como nasce o canal e quais usos do passado são feitos por ele.

3 O Canal *Nostalgia* como fonte para a História Digital

O criador do Canal Nostalgia é Felipe Mendes Castanhari, um animador 3D que acabou ficando desempregado em 2011, ano em que nasceu o canal. A ideia inicial de Castanhari foi apenas gravar conteúdos sobre desenhos e jogos antigos, com uma câmera emprestada de uma amiga do antigo trabalho. “Eu queria algo sobre coisas como Sonic e desenhos antigos, mas ninguém tinha criado nada sobre isso. Percebi então uma demanda pelo tema e resolvi desenvolver meu primeiro vídeo” comentou o *youtuber* em entrevista para o site O Globo.⁴³ Não houve sucesso imediato, pois os 4 primeiros vídeos não passavam de 1.000 visualizações, mas foi então que após o 5º vídeo, Castanhari alcançou seu objetivo conseguindo 50 vezes mais exibições. Com esse retorno, o *youtuber* começou a investir, com a ajuda de um amigo, e então começou a produzir conteúdos reunindo vídeos com compilações de ícones que fizeram parte da adolescência e infância de quem nasceu entre o final dos anos 1980 e o início dos 1990. Com o sucesso do canal, a renda mensal de Castanhari passou a ser obtida apenas do seu trabalho com o *YouTube* e todo esse sucesso também fez com que ele ficasse muito conhecido e fosse reconhecido como um *youtuber*.

Vloggers, Youtubers, vídeo makers, vlogueiros, assim são chamadas as pessoas que produzem conteúdos para o *Youtube*, e, a cada momento, vão surgindo novas denominações. Na língua inglesa, o sufixo “er” é usado para denominar o agente que executa o verbo ao qual é acrescentado. Nesse caso, o *YouTube* passa a ser um verbo, ou seja, “*to youtube*”, significando utilizar a plataforma para acessar, criar ou modificar conteúdo. A partir disso, o *youtuber* é a pessoa que realiza essa atividade.

O termo *youtuber* é um neologismo que já vem sendo usado não só por falantes da língua inglesa, mas que também já apresenta mais de uma definição. *Youtuber* pode ser aquele que é um membro da comunidade *YouTube* e o utiliza para publicar conteúdo, alguém que gasta um tempo excessivo assistindo vídeos no *YouTube*, tempo este que pode beirar a obsessão, ou até se referir a uma gravação de vídeo que tem tanta qualidade de entretenimento que merece ser publicada na plataforma. Para este trabalho, a definição que nos interessa é o *Youtuber* como membro da comunidade e que a utiliza

⁴³ LELLIS, Gabriel. ZUINI, Priscila. JOVEM MOSTRA QUE É POSSÍVEL GANHAR DINHEIRO COM VÍDEOS NA INTERNET. Disponível em < <https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Mundo-digital/noticia/2015/04/jovem-mostra-que-e-possivel-ganhar-dinheiro-com-videos-na-internet.html> > Acessado dia 18 de março de 2018.

para construir um canal, produzir conteúdo, postar novos vídeos e interagir com o seu público através dos comentários dos vídeos.⁴⁴

Hoje, o *Youtuber* Felipe Castanhari conta com uma equipe de 12 pessoas, sendo roteiristas, editores e responsáveis por artes do cenário em que são feitos os vídeos. Todo o canal possui produção e narrativas focadas em temas do mundo nerd, mas apesar de esse ser o seu foco principal o canal não trata apenas desse tema, tendo também quadros como o Nostalgia História, que é o que mais nos interessa neste trabalho, e o Nostalgia ciência.

O canal continua crescendo no *YouTube* com mais de 11.000.000 de pessoas inscritas e também possui milhões de seguidores nas suas redes sociais. No *Instagram*, por exemplo, possui 4,2 milhões de seguidores e no *Twitter* mais de 5 milhões. Além do seu enorme número de seguidores, Castanhari também tem uma loja virtual da marca *Nostalgia* com produtos de conteúdo semelhante aos vídeos do canal. Inicialmente, Castanhari e sua equipe não tiveram um retorno financeiro, no entanto continuaram montando pautas e gravando vídeos, sendo que a persistência da equipe deu resultado e, de acordo com o próprio Castanhari, hoje o canal chega a faturar de R\$ 40 mil a R\$ 70 mil por mês.⁴⁵

Castanhari buscou outras mídias para propagar o canal e também criou uma página do Facebook atraindo mais fãs onde costumava postar diariamente o que ele chama de curiosidades nostálgicas.

⁴⁴ KUROVSKI, Caroline. PLATAFORMA YOUTUBE, PRODUÇÕES INDEPENDENTES E EDUCOMUNICAÇÃO: possibilidades para um saber alternativo. Disponível em <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43498/PLATAFORMA%20YOUTUBE,%20PRODUCOES%20INDEPENDENTES%20E%20EDUCOMUNICACAO%20possibilidades%20para%20um%20saber%20alternativo.pdf?sequence=1>>. p.46. Acesso em 25 de março de 2018.

⁴⁵ DURE, Deborah Michell. CEOLIN, Patrícia. O CRESCIMENTO DO YOUTUBE NO BRASIL E A POPULARIDADE DO CANAL NOSTALGIA. 2016. Disponível em <http://www.riobrancofac.edu.br/site/doc/simposios/2016/O-crecimento-do-youtube-no-Brasil_Deborah-Dure.pdf> Acessado dia 19 de março de 2018.

3.1 A estrutura do canal



Figura 1 - O canal Nostalgia – Layout do canal

Fonte: YouTube (2018)

Quando acessamos o Canal *Nostalgia* no *YouTube* esse é o *layout* do canal, com um banner que fala muito sobre o seu conteúdo, que é o mundo dos vídeo games, séries e filmes dos anos 1980 e 1990 ou também conhecido como “mundo nerd”. O canal é dividido em seis “categorias”: Início, vídeos, playlists, comunidade, canais e sobre.

Início é a página inicial do canal, onde geralmente aparece seu vídeo mais recente com a descrição do mesmo. Em **vídeos**, é onde ficam todos os vídeos do canal, os que fazem parte de algum quadro ou não. Os vídeos aparecem de acordo com a ordem em que foram postados. **Playlists** é a divisão dos vídeos no que eu chamo de quadros, por exemplo, onde todos os vídeos que fazem parte do quadro Nostalgia História se encontram juntos em uma playlist, facilitando para o público do canal que deseja assistir apenas algum dos quadros. Em **comunidade**, é onde o autor do canal tem a possibilidade de dialogar com o seu público, além dos comentários dos vídeos, como se fosse uma rede social, possibilitando a postagem de fotos, links, enquetes e vídeos (fig.2). O público, por sua vez, tem as opções de comentar e curtir as postagens do autor. Na categoria **Canais** ficam as indicações de outros canais, feitas pelo autor Felipe Castanhari. Essas indicações também aparecem no canto direito da página inicial do canal. Em **sobre**, é onde se localiza a descrição do canal feita pelo próprio autor que diz “Ensinando e divertindo. Vídeos novos quando der, coisas boas levam tempo!”, é nesta categoria que também ficam as estatísticas do canal, onde aparece o número total de

visualizações e a data em que a conta no *YouTube* foi criada, que não é a mesma data do canal, já que o mesmo foi criado em 2011 e a conta em 2008. Nessa categoria também ficam os links das redes sociais do autor e seu e-mail para contato comercial.⁴⁶



Figura 2 – Layout da sessão Comunidade

Fonte: YouTube (2018)

Acredito que pelo fato de Felipe Castanhari ser um designer gráfico, todos os vídeos são muito bem editados e muito criativos ao se tratar de edição, fazendo uso de muitos efeitos gráficos e sonoros. Além disso, Castanhari conta com uma equipe de 12 pessoas, entre elas roteiristas, consultores, editores, dubladores e outros, dividindo a equipe conforme a necessidade de cada vídeo. Todos os vídeos também contam com uma thumbnail⁴⁷ muito criativa e bem editada, o que desperta a curiosidade do público para assistir ao vídeo, aumentando assim o número de visualizações.



Figura 3 – Thumbnails dos vídeos

Fonte: YouTube (2018)

⁴⁶ Canal Nostalgia < <https://www.youtube.com/user/fecastanhari/featured> >

⁴⁷ Thumbnail é uma miniatura de uma imagem que é usada para atrair atenção e fazer uma prévia do conteúdo original.

Em termos de estrutura, o canal é praticamente o mesmo desde que foi criado. Apenas foram surgindo novos quadros ao longo dos anos e há pequenas mudanças de edição de um quadro para o outro. Geralmente são usados imagens e vídeos sobre o assunto tratado no vídeo, mas em alguns quadros é feito o uso de animação para ilustração, enquanto o autor faz a narração.

O canal alterou a sua vinheta recentemente. Anteriormente, ela possuía uma trilha sonora e apareciam alguns personagens de desenhos e vídeo games dos anos 90 e no final o nome do canal. Atualmente, o canal possui uma vinheta diferente para cada quadro, mas muito parecidas, uma trilha sonora com o nome do canal e alguns itens que fazem parte do assunto tratado no vídeo ao fundo, sendo muito parecida com o atual banner do canal. A trilha sonora dos vídeos varia de acordo com o tema de cada um, e quanto ao cenário é praticamente o mesmo desde o início. O cenário muda apenas no quadro Nostalgia Ciência, no qual o autor faz uso de um cenário inspirado em Mundo de Beakman, um programa educativo sobre ciência dos anos 1990 e que era transmitido no Brasil pela TV Cultura.

O canal Nostalgia hoje conta com 10 subdivisões dos vídeos, o que eu chamo de quadros do canal.

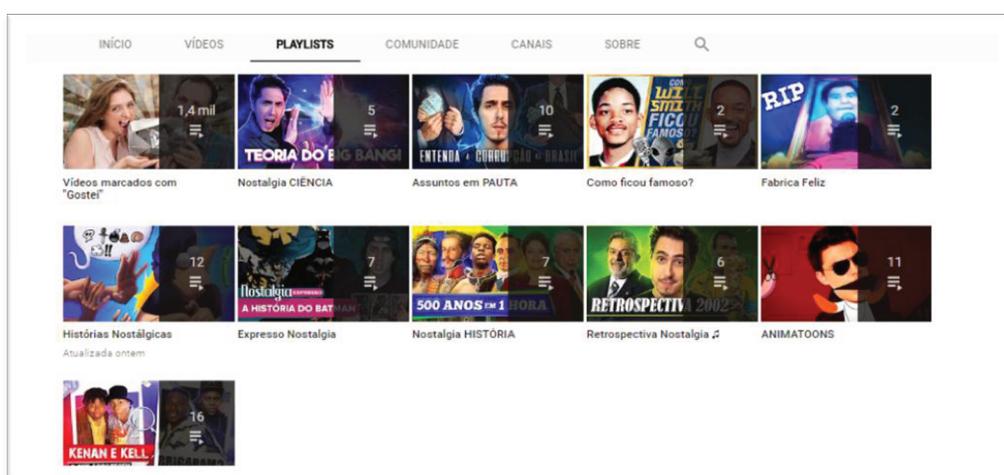


Figura 4 – Estrutura dos Quadros do Canal Nostalgia

Fonte - YouTube (2018)

Como já dito anteriormente, o principal foco do canal é o considerado “mundo nerd”, onde Castanhari fala sobre jogos, filmes, desenhos, séries e animações principalmente dos anos 80 e 90. Apesar de esse ser o foco do canal, Castanhari traz

outros temas para serem abordados e discutidos, diversificando o canal e ampliando seu conteúdo produzido. Esses quadros são⁴⁸:

Nostalgia Ciência

Esse quadro do canal possui um total de 5 vídeos postados. Cada vídeo possui mais de 2 milhões de visualizações, sendo que o mais visto possui quase 4 milhões. Os temas dos vídeos são: “Qual a origem da lua?”; “Como surgem os buracos negros”; “A terra é plana?” e “Teoria do Big Bang”. Fica claro ao assistir os vídeos, que este quadro do canal é uma homenagem ao programa Mundo de Beakman, de acordo com o *youtuber* essa era um dos seus programas preferidos quando criança, por isso resolveu fazer essa homenagem. Os vídeos tem uma abertura em animação semelhante a do programa homenageado, assim como o cenário e a roupa usada por Castanhari. Nos vídeos, o mesmo vai conversando com o seu público e explicando o assunto contando com a ajuda de efeitos gráficos, sonoros e animações. Cada vídeo possui em média de 15 a 20 minutos.



Figura 5 – Quadro Nostalgia Ciência

Fonte - YouTube (2018)

Assuntos em Pauta

Esse quadro possuiu um total de nove vídeos com temas bastantes diversos, mas a maioria bastante críticos em relação ao tema tratado no vídeo. Esses vídeos não possuem muitos efeitos e são mais simples, com Castanhari mostrando sua opinião sobre o assunto e sendo bastante crítico. Os vídeos desse quadro são: “Você está em

⁴⁸ Canal Nostalgia. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/fecastanhari>>. Acesso em 16 de março de 2018.

uma bolha social”; “A desinformação do WhatsApp e Facebook”; “Minha opinião sobre as manifestações nazistas” “O fim da neutralidade na internet no Brasil”; “A Coreia do Norte vai causar a terceira guerra mundial?”; “Porque é impossível acabar com o Estado Islâmico?”; “Entenda a guerra na Síria de um jeito muito simples”; “Entenda o sistema político no Brasil de um jeito simples” e “Especial 10 milhões”. Cada vídeo possui em média de 10 a 15 minutos.



Figura 6 – Quadro Assuntos em pauta

Fonte - YouTube (2018)

No quadro **Assuntos em Pauta**, mas também não só nele, é possível perceber que Castanhari faz uso de um recurso muito característico do canal, que é tentar explicar as coisas de maneira simples, quando na verdade sabemos que não é bem assim. Mas porque trabalhar temas tão complexos de maneiras simples? Acredito que esta estratégia esteja relacionada com o fato da informação estar virando um produto, um negócio, nesse caso, como parte do negócio dele que é o próprio canal e não como parte de um processo de reflexão e de construção de um conhecimento.

É uma estratégia que diz muito sobre os próprios conteúdos digitais interativos e sobre a própria expectativa do público, que procura alguém que simplifique o conteúdo. Essa escolha também mostra que ele não está comprometido com a profundidade e nem com a complexidade que as coisas tem, pois ao explicar de maneira tão simples, não alcança a complexidade própria de muitos temas, para os quais seria necessário mobilizar diversas abordagens sociais, culturais e históricas.

Como ficou famoso?

Esse quadro possui dois vídeos, mas infelizmente um dos vídeos saiu do ar e aparece como privado, provavelmente por problemas de direitos autorais, já que isso acontece com muitos vídeos do *YouTube* e principalmente com os vídeos do Castanhari, já que ele usa muitos materiais de filmes, desenhos e outros. O outro vídeo deste quadro é: “Como o Will Smith ficou famoso?”. Neste quadro Castanhari conta a trajetória do ator antes mesmo dele ficar famoso. Como na maioria dos seus vídeos, ele faz bastante uso de efeitos gráficos, sonoros, animações e trechos de alguns trabalhos estrelados pelo ator Will Smith. O vídeo possui 6 minutos.

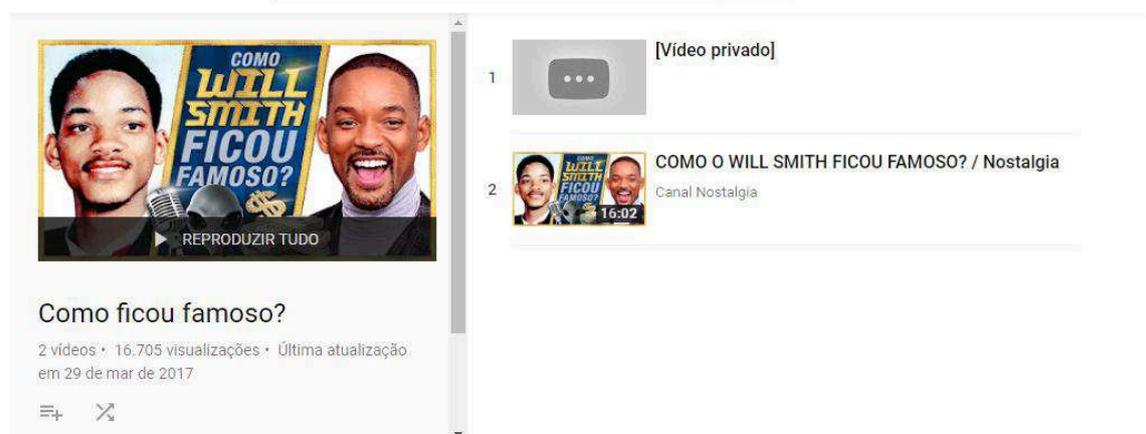


Figura 7 - Quadro Como ficou famoso

Fonte - YouTube (2018)

Fabrica Feliz

Esse é mais um quadro em que Castanhari usa para expor sua opinião e fazer críticas. Só que, diferente do “Assuntos em pauta”, aqui Castanhari usa do humor e de animações para construir suas narrativas. Esse quadro possui dois vídeos: “A morte do Faustão” que é uma crítica as notícias falsas que circulam na internet e “Crítica sobre Amoebas” que é uma crítica aos canais do *YouTube* que ficam super famosos fazendo desafios com o uso de Amoebas e outros desafios que Castanhari considera besteira e somente um jeito de conseguir fazer o vídeo viralizar para ganhar mais visualizações. Cada vídeo possui um pouco mais de 2 minutos de duração.



Figura 8 – Quadro Fabrica Feliz

Fonte - YouTube (2018)

Histórias Nostálgicas

Neste quadro Castanhari conta algumas histórias pessoais, coisas que aconteceram com ele e compartilha algumas experiências. A maioria das histórias são muito cômicas e para deixar as histórias ainda mais engraçadas o *youtuber* faz uso de animações para contar essas histórias, além é claro de uma boa edição como em todos os seus vídeos, repletos de efeitos sonoros e gráficos. O quadro possui 12 vídeos, entre eles estão: “A vergonhosa história do meu primeiro beijo”, “Sou o cara mais azarado do mundo”, “O pior aniversário da minha vida” e um vídeo em que ele conta a história de como começou o canal “A verdadeira e vergonhosa história do canal Nostalgia.”. Cada vídeo possui em média de 8 a 10 minutos de duração.



Figura 9 – Quadro Histórias Nostálgicas

Fonte - YouTube (2018)

Expresso Nostalgia

Esse quadro possui um total de 7 vídeos publicados e podemos dizer que este quadro nasceu através de pedidos dos inscritos do canal que reclamavam por não ter muito tempo para assistir um episódio do Canal Nostalgia completo que possui em média 1 hora ou 1 hora e meia. Atendendo aos pedidos, Castanhari criou este quadro, que nada mais é que o Nostalgia numa versão reduzida de 10 minutos. Assim como os vídeos normais do Nostalgia, esses vídeos são publicados uma vez por mês e também assim como os vídeos completos, são cheios de efeitos, mas bem editados e com abundante uso de imagens e vídeos sobre o assunto tratado.

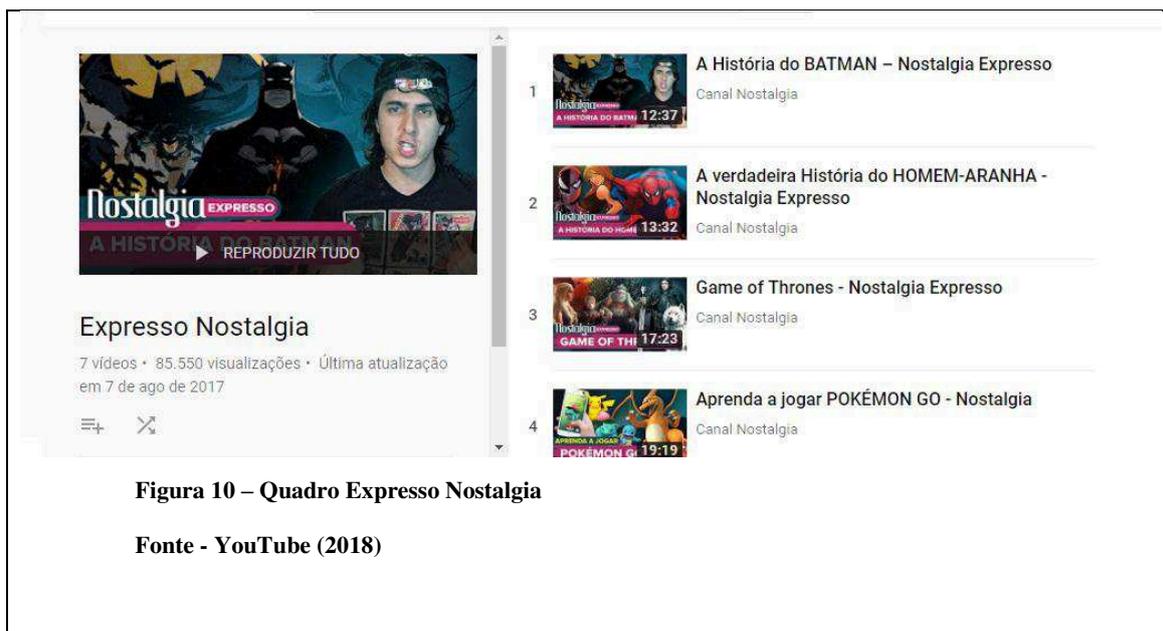


Figura 10 – Quadro Expresso Nostalgia

Fonte - YouTube (2018)

Retrospectiva Nostalgia

Esse quadro possui um total de 6 vídeos, e como o próprio nome sugere, se trata de retrospectivas. Castanhari faz uma retrospectiva divertida de tudo o que foi sucesso na internet e no *YouTube* nos anos de 2014, 2015 e 2016 através de paródias de músicas que foram sucesso no ano, como a música *Sorry* do Justin Bieber em 2016. Além da paródia ele usa imagens e vídeos pra fazer essa retrospectiva. Já a retrospectiva dos anos de 2017, 2002 e 2001 é levada de forma mais séria e trata não apenas do que foi sucesso na internet, mas sim de tudo aquilo que foi importante nesses anos, de forma mais resumida. Para fazer as retrospectivas desses anos Castanhari também usa vídeos e imagens desses fatos ocorridos, inclusive alguns trechos e imagens de reportagens.

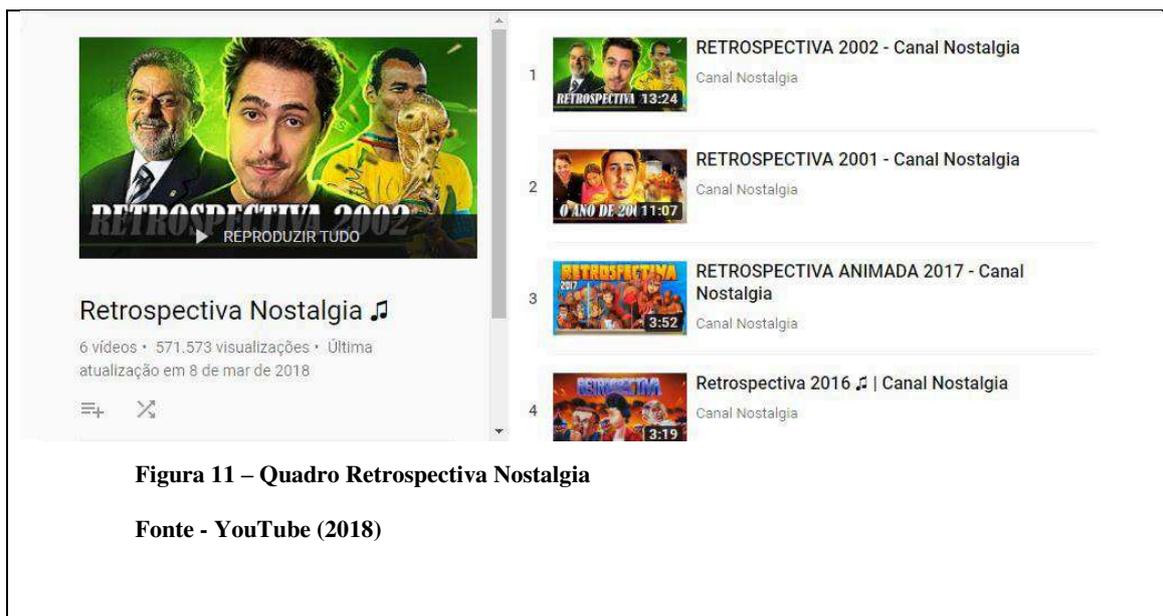


Figura 11 – Quadro Retrospectiva Nostalgia

Fonte - YouTube (2018)

Apesar do canal não ser propriamente de História, o próprio título do canal faz uma evocação ao tempo, e em várias das suas partes é possível notar essa tentativa de incorporar reflexões sobre a cultura de um passado recente como objeto principal dos vídeos produzidos pelo canal. Mas que temporalidades históricas são agenciadas pelo canal Nostalgia? Ao que parece o que mobiliza o autor é o tempo nostálgico, relacionado ao imaginado e mítico. Tempo em relação ao qual se guarda saudosismo e fetiche, visto que são objetos, práticas e comportamentos que poderiam ser considerados obsoletos, mas que são ressignificados para conectar a audiência do canal a temporalidades específicas. Além de o tempo ser objeto no quadro *Nostalgia História*, o quadro *Retrospectiva Nostalgia*, remete os seguidores a temas de um passado recente, quando ele relembra os principais acontecimentos de alguns anos da década de 2000.

Animatoons

Esse quadro possui 11 vídeos de aproximadamente 2 minutos cada um. De acordo com Castanhari o quadro é um mundo diferente, onde as regras de nossa sociedade não se aplicam. Os vídeos mostram uma versão animada do Felipe Castanhari em um mundo que objetos inanimados possuem vida e o perturbam diariamente, contando também com piadinhas curtas de personagens paralelos.

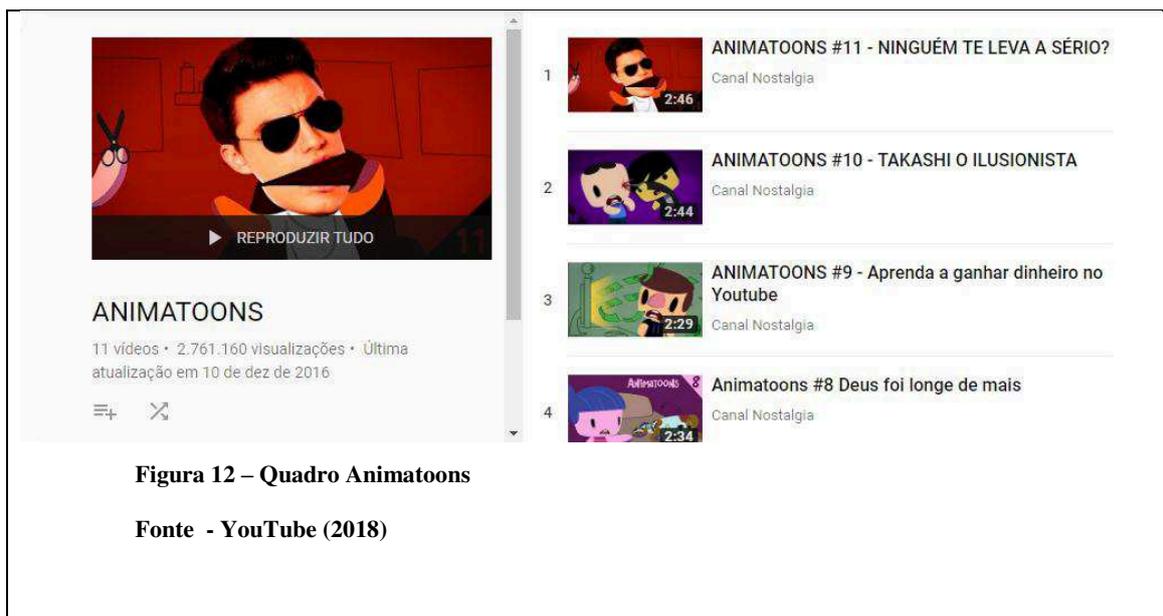


Figura 12 – Quadro Animatoons

Fonte - YouTube (2018)

O que aconteceu?

Esse quadro possui um total de 16 vídeos, os vídeos duram em média entre 10 e 20 minutos. Neste quadro Felipe Castanhari pede ao público que escolha uma celebridade que não está mais tão na mídia para descobrir o que aconteceu com essa pessoa. Ele fala sobre a carreira da celebridade até chegar ao seu “desaparecimento perante a mídia” como ele mesmo coloca. Para fazer esses vídeos ele faz uso de vídeos dos trabalhos dessas pessoas juntamente com imagens e algumas reportagens. Todos os vídeos desse quadro são muito bem editados, assim como a maioria dos vídeos do canal.

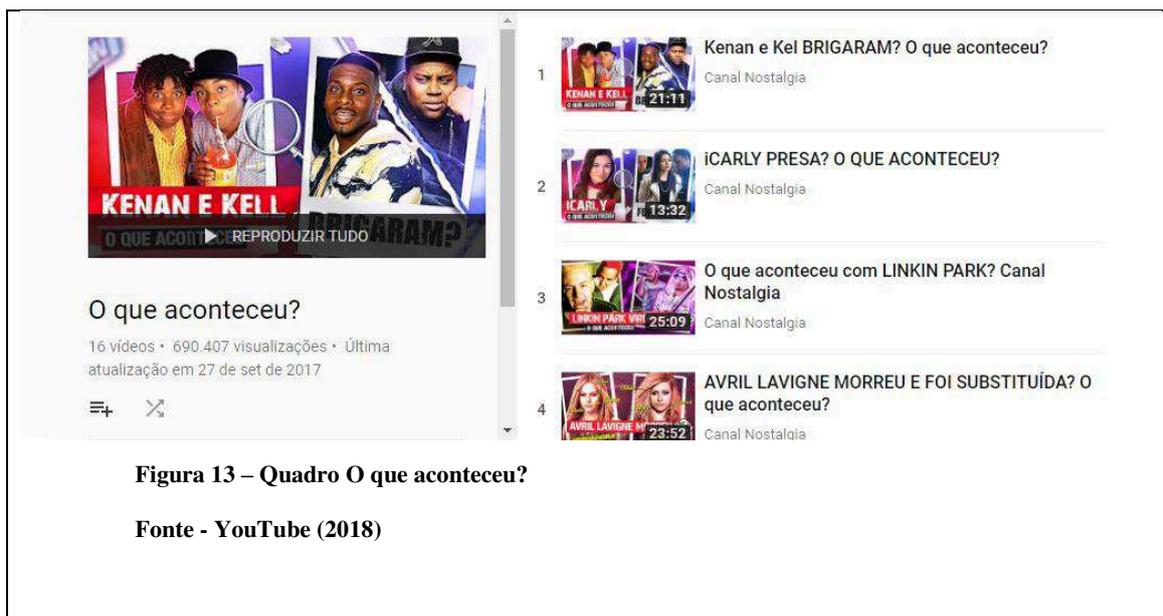


Figura 13 – Quadro O que aconteceu?

Fonte - YouTube (2018)

Nostalgia História

Este é o quadro que mais nos interessa para este trabalho. Ele possui ao todo 8 vídeos que falam sobre história, cada um deles com uma média de uma hora a uma hora e meia. Como cada vídeo possui pelo menos 3 milhões de visualizações, podemos dizer que esse é um dos quadros mais vistos e um dos motivos do canal ser tão conhecido. Segundo Castanhari⁴⁹, ele seleciona alguns acontecimentos históricos e os conta de uma forma descontraída para que assim se tornem mais interessantes, principalmente para aqueles que não gostam muito de história. Os temas escolhidos por ele são: Guerra Fria, Ditadura civil e militar, Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial, Guerra na Síria, História do Brasil, 11 de setembro e História de Adolf Hitler, vídeo este que será analisado no próximo capítulo. A escolha deste vídeo como fonte principal deste trabalho se deu pelo seu grande número de visualizações, que já ultrapassaram o número de seis milhões. É um número muito grande mesmo em comparação com os outros vídeos deste quadro, que possuem em média três milhões de visualizações. O número de comentários também é muito expressivo, pois são mais de cinquenta mil comentários. Para produzir os vídeos deste quadro, Felipe Castanhari conta com a consultoria e coprodução do historiador Caio Vinicius Godoy Mattos, formado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

⁴⁹ CASTANHARI, Felipe. Adolf Hitler/História. YouTube, 20 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d3r70E6Dvfs&index=2&list=PL2EJIPZ0iJu4F08HICP-rZ7kaiXsvtPxq>> Acessado dia 16 de março de 2018.



Figura 14 – Quadro Nostalgia História

Fonte - YouTube (2018)

De acordo com Castanhari, ele faz a opção de contar a História de uma maneira mais descontraída, para que não lembre uma sala de aula e para agradar aqueles que não gostam muito de História.⁵⁰ Quando o mesmo faz essa opção, ele demonstra estar atacando um determinado tipo de História, aquela História factual, positivista, que não é necessariamente essa História que se ensina em sala de aula, sendo possível que ele esteja dialogando com uma visão de História já ultrapassada, nos bancos escolares.

Sobre os temas do quadro *Nostalgia História*, de acordo com Castanhari, eles são escolhidos pelo seu público através dos comentários dos vídeos ou são assuntos que ele considera que sejam os mais procurados.⁵¹ Mas, além disso, é provável que de alguma maneira ele possa ter como foco o público vestibulando e estudantes de ENEM, pois olhando para os temas trabalhados no *Nostalgia História* é possível perceber que ele faz um esforço para didatizar temas que acabam caindo com frequência em vestibulares do país inteiro. Analisando os comentários, é possível notar que boa parte do seu público são estudantes.

⁵⁰ CASTANHARI, Felipe. Adolf Hitler/História. YouTube, 20 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d3r70E6Dvfs&index=2&list=PL2EJIPZOiJu4F08HICP-rZ7kaiXsvtPxq>> Acessado dia 16 de março de 2018.

⁵¹ LELLIS, Gabriel. ZUINI, Priscila. JOVEM MOSTRA QUE É POSSÍVEL GANHAR DINHEIRO COM VÍDEOS NA INTERNET. Disponível em <<https://revistapegn.globo.com/Banco-de-ideias/Mundo-digital/noticia/2015/04/jovem-mostra-que-e-possivel-ganhar-dinheiro-com-videos-na-internet.html>> Acessado dia 18 de março de 2018.

3.2 História do Canal Nostalgia

Como dito anteriormente, no quadro Histórias Nostálgicas Castanhari publicou um vídeo em que ele conta sobre como o canal iniciou e sobre como o mesmo foi crescendo até ter o retorno esperado. Ele conta esta história através de animação e de uma forma bastante divertida, o vídeo foi intitulado de “A verdadeira e vergonhosa história do canal Nostalgia” e possui um pouco mais de 11 minutos.

Essa estratégia autobiográfica do canal contar a sua própria história através de um vídeo é uma maneira de dar uma densidade para a história do canal, e também faz parte dessa perspectiva que está muito voga, do sujeito que começa de baixo e acaba alcançando sucesso, discurso que dialoga muito bem com o universo digital, principalmente das redes sociais e do *YouTube*, podendo ser considerado uma forma de autopromoção, valorizando questões como o mérito e o esforço pessoal.

Felipe Castanhari conta que estava em casa quando resolveu assistir a alguns vídeos do *YouTube* durante a madrugada. Começou assistindo vídeos de *youtubers* que já faziam algum sucesso na época, como Cauê Moura, PC Siqueira e Kéfera Buchmann. Castanhari conta que achou os vídeos muito legais, mas que também viu ali uma grande oportunidade. Felipe Castanhari conta que a princípio tinha montado um outro canal com um amigo de infância e o canal mostrava os vídeos que tinham viralizado na semana. Ele conta que infelizmente o canal não deu certo pois ele não soube trabalhar em parceria com outra pessoa. Assim, o canal teve apenas um vídeo e foi deletado em seguida.⁵²

De acordo com Castanhari, após deletar este primeiro canal, ele passou novamente uma madrugada inteira vendo vídeos no *YouTube* sobre coisas que fizeram parte da sua infância, foi então que ele teve a ideia de criar um canal com esse tema, já que se tratava de uma ideia inédita pois ainda não havia nenhum outro canal no *YouTube* que falasse sobre isso, assim, segundo ele, nasceu o canal Nostalgia.

Como já discutimos acima, o passado causa certo fascínio em nossa sociedade contemporânea e Castanhari ao perceber isso, começa a fazer uso desse passado e da nostalgia, ou ao menos a curiosidade que este desperta nas pessoas, para ter um meio de ganhar seguidores e assim fazer seu canal crescer. Segundo Castanhari, ele estava

⁵² CASTANHARI, Felipe. A verdadeira e vergonhosa HISTÓRIA do Canal Nostalgia. YouTube, 13 de maio de 2016. Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=i8LICcu5o0Y&list=PL2EJIPZ0iJu5OYMzpkJG4YyqHYcqvgSA3&index=12>> Acessado dia 16 de março de 2018.

desempregado e precisava ganhar dinheiro, como o *youtube* estava em ascensão ele precisava de uma boa ideia para poder fazer deste trabalho sua única renda, então ele se apropria afetivamente do passado, com um intuito financeiro.

Seu primeiro vídeo foi sobre Sonic, um jogo de vídeo game popular dos anos 90. Para gravar seu primeiro vídeo, Castanhari teve que pedir uma câmera emprestada com uma amiga do trabalho, já que ele nem mesmo possuía uma câmera. O vídeo foi gravado em seu próprio quarto com pouquíssimos recursos. Apesar do vídeo não ter tido nenhum sucesso, ao compartilhá-lo no facebook, um colega de escola acabou se interessando. Este colega é Fabio Almeida, que acabou virando roteirista do canal e é sócio do mesmo até hoje. De acordo com essa narrativa, apesar de estar desempregado, com a ajuda de Fábio e investimento financeiro do colega, os dois conseguiram comprar alguns equipamentos para investirem no canal, também melhoraram o roteiro e a sua divulgação.⁵³

O primeiro vídeo de sucesso do canal foi o vídeo sobre a TV CRUJ, que foi um programa de televisão infanto-juvenil de muito sucesso. O programa era transmitido pelo SBT e foi apresentado de 1997 até 2001. Castanhari e Fabio foram aperfeiçoando a identidade visual, a abertura e o roteiro e enviaram e-mails para diversos blogs através de um e-mail falso, pedindo para que eles divulgassem o vídeo. Apenas dois blogs aceitaram fazer essa divulgação, mas foram o suficiente para que o Nostalgia finalmente crescesse, tanto no número das visualizações quanto nas inscrições no canal.

Segundo Castanhari, essa é a história de como o canal Nostalgia começou e como ele funciona atualmente. O Foco principal do canal é “reviver coisas da infância” e é com essa ideia que os próximos vídeos vão sendo criados. A maioria dos seus vídeos possuem em torno de uma hora e levam o seu público a lembrar como eram os programas, desenhos, filmes, músicas e jogos favoritos das gerações dos anos 80 e 90.⁵⁴

Como abordado, o YouTube é uma plataforma de cultura participativa, termo usado para descrever a ligação entre tecnologias digitais acessíveis, conteúdo gerado por usuários e algum tipo de alteração nas relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores. Logo, fãs e outros seguidores são convidados a participar

⁵³ CASTANHARI, Felipe. A verdadeira e vergonhosa HISTÓRIA do Canal Nostalgia. YouTube, 13 de maio de 2016. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=i8LICcu5o0Y>>

⁵⁴ DURE, Deborah Michell. CEOLIN, Patrícia. O CRESCIMENTO DO YOUTUBE NO BRASIL E A POPULARIDADE DO CANAL NOSTALGIA. 2016. Disponível em < http://www.riobrancofac.edu.br/site/doc/simposios/2016/O-crescimento-do-youtube-no-Brasil_Deborah-Dure.pdf> Acessado dia 19 de março de 2018.

da criação e circulação de novos materiais. E um dos fatores fundamentais para o sucesso do canal Nostalgia é a troca de mensagens com seus inscritos, no qual se estabelece um contato através das respostas dos comentários, mantendo certa proximidade daqueles inscritos e de certa forma incentivando estes a voltarem para ver os próximos vídeos.

Castanhari pode ser considerado um Historiador público, já que este fala e divulga história para um grande público, público este que se encontra fora da academia. De acordo com Malerba⁵⁵, historiadores públicos devem estar sempre precavidos de sua audiência e, certamente, sempre desejarão, desde o início de uma ideia ou projeto, alcançar um público cada vez maior de espectadores ou leitores de modo a facultar acesso ao passado ao grande público. O problema é quando a audiência cada vez maior a qualquer custo se torna um fim em si mesmo. É isso que Castanhari acaba fazendo, uma busca por uma maior audiência a qualquer custo, fazendo da História uma mercadoria, “enfeitando” e deixando-a mais atrativa ao público, aumentando assim sua audiência. Veremos isso no próximo capítulo com a análise de um dos vídeos mais famosos do canal e que faz parte do quadro Nostalgia História, é intitulado “Adolf Hitler/ História” e já passa de 7.000.000 de visualizações. Vídeo este que é a principal fonte deste trabalho.

⁵⁵ MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

4 Adolf Hitler/História: Usos do passado para uma História mercadológica



ADOLF HITLER / HISTÓRIA

Figura 15 – Adolf Hitler/ História

Fonte - YouTube (2018)

Como já discutido anteriormente, nós vivemos em uma época de crescente interesse pela história. Esse interesse se reflete em diversas produções e em diversos meios. Cada vez mais, o conhecimento histórico é chamado à produção de significados sobre a nossa sociedade contemporânea e a história é utilizada como uma bússola para questões políticas, sociais, religiosas e culturais que surgem no presente, mostrando ao profissional de história o seu caráter público. Como refletir a necessidade de revisitar o passado com abordagens que fogem às práticas históricas institucionalizadas? Como pode ser traduzida, fora do ambiente acadêmico, essa produção ou intenção de propor um conhecimento histórico que se encontra em circulação em diversos suportes e tecnologias? A história pública pode ser uma das respostas a essas e outras questões.⁵⁶

Para além da pesquisa historiográfica, a história pública se faz viva em múltiplos espaços, nem sempre aceitos ou discutidos no ambiente acadêmico: salas de aula – produzindo um tipo de conhecimento específico e dialogando com a cultura escolar; museus – com suas diferentes cores e formas de pensar a exposição do conhecimento histórico na atualidade -; produção midiática – muito além dos telejornais e suas notícias -; novelas históricas; filmes e documentários; comemorações – e suas

⁵⁶ FRAZÃO, Samira Moratti. História pública no Brasil: espaço de apropriações e disputas. 2016. Disponível em < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308192016374>> Acessado dia 18 de julho de 2018.

rememorações -; encenações históricas realizadas por diferentes sujeitos; ambientes digitais – sites, blogs, podcasts e games, por exemplo; nos movimentos sociais e no desenvolvimento de políticas públicas, dentre outras formas.⁵⁷

A História Pública tem tomado grandes proporções. Um dos motivos para esse aumento é que é muito comum recorrermos ao passado para justificar, validar, legitimar argumentos, e, mesmo que se reconheça não haver na História uma verdade absoluta, há a possibilidade de um consenso minimamente humanista em que vale a força do melhor argumento, pautado na racionalidade científica. Um exemplo disto, é que a racionalidade histórica não permite que enxerguemos no Holocausto, a valorização dos direitos humanos, respeito às diferenças e um motivo válido para a sua disseminação. Essa é uma das funções da Ciência Histórica, garantir que versões já superadas e distorcidas da história não se multipliquem e ganhem forças nos discursos públicos. É isso que a diferencia, por exemplo, das outras formas de história, tais como as de grande circulação.⁵⁸

Isso não quer dizer que essas outras formas de história que não são científicas devam ser desconsideradas, deslegitimadas, ou que somente o historiador tenha propriedade para falar sobre história, ao contrário, esse é um dos papéis colocados pela Didática da História, ou seja, investigar as diferentes formas narrativas que se expressam em diversas faces; assim como também é preciso investigar a consciência histórica produzida por essas narrativas e de que forma essas reflexões acerca do passado atuam na consciência histórica dos indivíduos.⁵⁹

Quando falamos em História Pública, tendemos em um primeiro momento a compreendê-la como uma prática acima de tudo voltada a uma divulgação histórica e a produção de materiais para circulação e consumo de uma audiência mais ampla do que o ambiente acadêmico. Porém, os sentidos atribuídos à história pública vão além, pois contemplam também os engajamentos entre o historiador e a produção acadêmica, de um lado, e os diletantes e seus trabalhos que respondem a demandas próximas e imediatas, de outro. É aqui que a história pública entra em ação, no reconhecimento da legitimidade desses trabalhos tidos como “amadores”, assim como no delineamento das

⁵⁷ LUCCHESI, Anita. Historiografia na rede. 2016. Disponível em < <https://historiografianarede.wordpress.com/historia-publica/> > Acessado em 04 de agosto de 2018.

⁵⁸ GELBCKE, Juliana. História Pública e Consciência Histórica: Uma reflexão da Didática da História. 2014. Disponível em: < <http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/349.pdf> > Acessado dia 04 de agosto de 2018.

⁵⁹ Idem

diferenças entre as duas práticas; ou até mesmo em uma atuação colaborativa, na qual os diferentes agentes produtores trabalham juntos.⁶⁰

Fazer história pública não é só ensinar e divulgar determinado conhecimento, vai muito além, pois acredita-se em uma pluralidade de disciplinas e na integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente. A pergunta que deve ser feita na realização dessas práticas é como a academia pode, em seu interior e a partir de seus pressupostos, colaborar para gerar uma história mais humana e democrática fora dela. Ou, ainda, como pode contribuir para a publicização da história sem reduzi-la à mera curiosidade ou à leitura rasa dos fatos.⁶¹

No Brasil, podemos perceber uma sensível demanda social por história nos mais diversos espaços de formação de opinião fora das universidades, novos lugares de exercício da profissão, uma demanda crescente de consumo popular de história. Tal ampliação gigantesca do interesse pelo campo, levada a cabo por profissionais, tanto internos como externos à área acadêmica da história, tem duas implicações incontornáveis. A primeira é que o interesse pelo passado, ou, ao menos, suas formas populares de apresentação, atualmente nos cercam por todos os lados. Hoje o passado significa “negócios” e, não menos importante, “poder”.⁶²

É possível notar dentro do campo da História Pública um esforço em tornar o conhecimento histórico cada vez mais acessível aos sujeitos, permitindo-os fazer usos desses conhecimentos no âmbito da vida prática. No entanto, vale lembrar que muitas dessas produções são feitas por diversos agentes (como jornalistas, literatos, cineastas, museólogos, animadores, como no caso de Felipe Castanhari) que não são, necessariamente, especializados em História. Tais profissionais, portanto, não possuem os mesmos interesses e preocupações teórico-metodológicas que os historiadores acadêmicos. Portanto, é possível percebermos em algumas dessas produções tem intenções e características que a ciência histórica procura evitar, como, por exemplo,

⁶⁰ MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.) História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 12.

⁶¹ ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública e ensino de História. 2016. Disponível em: <<http://www.iqe.org.br/imagens/clippings/HistoriapublicaeensinodeHistoria.pdf>> Acessado dia 13 de setembro de 2018.

⁶² MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

interesses mercadológicos que tratam o passado como negócio, colocando também a narrativa histórica como produto de uma indústria cultural, ou seja, inserida em uma lógica de mercado que leva em conta tiragens, versões, disputas editoriais e a própria lógica do consumo, inserida dentro de uma conjuntura capitalista.⁶³ Sendo assim, esses diversos profissionais não especializados em história, nem sempre possuem as mesmas preocupações que o campo da História Pública procura ter, que é a de construir uma ponte entre as produções acadêmicas e o interesse do público em geral, sem perder a seriedade ou o poder de análise.

Essas produções não acadêmicas colaboram com a formação histórica dos indivíduos na medida em que tornam acessíveis as reflexões acerca do passado e assim influenciam o processo de ressignificação temporal desses sujeitos, ajudando-os a interpretar e reinterpretar o mundo que os cercam.

Se a História Pública pode ser definida como uma forma de propagação do saber histórico para um público mais amplo, o *YouTube* e a internet podem ser considerados um ótimo campo para a História Pública, principalmente o *YouTube* quando se trata de produção midiática, como é o caso da fonte deste trabalho.

Neste capítulo será analisado o vídeo que serve como fonte para este trabalho, que é intitulado *Adolf Hitler/ História*, produzido pelo canal *Nostalgia*. A História Pública vem ajudar a interpretar o material na perspectiva de tentar entender que usos do passado são feitos no vídeo, como é feita essa apropriação do passado, de que passado esta sendo falado e como ele é tratado, além dos recursos e estratégias utilizadas para montagem do vídeo.

4.1 O Hitler do canal Nostalgia

O vídeo intitulado *Adolf Hitler/ História* foi publicado no dia 20 de janeiro de 2016 pelo Canal *Nostalgia*. Atualmente o vídeo possui 7.365.880 de visualizações, 599.000 “likes” ou marcações de “gostei”, 7.700 “dislikes” ou marcações de “não gostei”, 53.804 comentários, números bastante expressivos. Ainda que comparados com outros vídeos do canal, que também possuem números bem altos, este é sem dúvidas o conteúdo mais conhecido do canal. O vídeo possui uma hora e vinte minutos, sendo

⁶³ ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (org). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p.57-58.

relativamente longo se levarmos em conta que a maioria dos vídeos publicados no YouTube possuem entre 10 e 30 minutos, o que me faz questionar ainda mais o porque de um vídeo considerado longo possuir tantas visualizações.⁶⁴



Figura 16 – História no youtube

Fonte - YouTube (2018)

Quando digitamos a palavra História na busca do *YouTube*, o primeiro vídeo que aparece é o vídeo que está sendo analisado, o segundo vídeo é sobre a Primeira Guerra Mundial que também é produzido pelo Canal Nostalgia e é o terceiro maior vídeo em número de visualizações com 5.130.618, ficando atrás do vídeo sobre a Segunda Guerra Mundial com 5.267.716. Outros vídeos do canal também aparecem ao longo da página do *YouTube*.

Mas, o que faz com que o Nostalgia seja tão conhecido e tenha destaque no *YouTube* quando o assunto é História? Acredito que sejam vários os motivos. Um deles é o tema geral do canal, que é sobre a infância dos anos 80 e 90, sobre coisas que causam nostalgia a quem viveu a infância nessas décadas.

Nostalgia é um termo que descreve uma sensação de saudade idealizada, e às vezes irreal, por momentos vividos no passado associados a um desejo sentimental de regresso, impulsionado por lembranças de momentos felizes e antigas relações sociais. O futuro incerto e desconhecido deixa o passado confortável a todos, pois é originalmente o lugar com o qual estão todos familiarizados, e estar desvinculado desse lugar desperta uma sensação deprimente de desamparo e David Lowenthal⁶⁵ diz que

⁶⁴ CASTANHARI, Felipe. Adolf Hitler/ História. YouTube, 20 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d3r70E6Dvfs>> Acessado dia 16 de março de 2018.

⁶⁵ LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge University Press. 1999. p.13

isso é a nostalgia. A palavra vem do grego *nóstos*, que quer dizer "reencontro" e *álgos*, que quer dizer "dor, sofrimento".⁶⁶ A maioria de nós sabe que o passado não era realmente como nos lembramos e como a Nostalgia faz parecer ser, a vida na época lembrada parece mais brilhante não porque as coisas eram melhores, mas porque vivíamos mais vividamente quando jovens, até mesmo o mundo adulto do passado reflete a perspectiva da infância. Agora incapazes de viver tão intensamente, lamentamos um imediatismo perdido que torna o passado inigualável. Essa nostalgia também pode sustentar a autoestima, lembrando-nos que, por mais triste que seja nosso presente, já fomos felizes e valiosos. A infância, assim recordada, exclui as brigas de família e as demais partes ruins da infância, nostalgia é memória com a dor removida.⁶⁷ Castanhari faz uma apropriação do tempo, um tempo mítico, imaginado, tempo saudosista, fazendo uso do passado e do fascínio e sentimento que este causa nas pessoas, para fazer com que o canal cresça, tanto em números de inscritos quanto em visualizações. Mesmo quando ele não está falando diretamente de História, ele está se apropriando do tempo com uma finalidade mercadológica e de acordo com David Lowenthal⁶⁸, se o passado é um país estrangeiro, a nostalgia fez dele o país estrangeiro com o comércio mais rentável de todos.

O fato do canal já ser bastante popular no *YouTube* pelo seu tema geral, colabora muito para que o *Nostalgia História* tenha tomado grandes proporções. Mas, o principal motivo para que o *Nostalgia História* seja tão grande em números são os temas abordados por Felipe Castanhari, temas estes que despertam a curiosidade do público e que ainda se fazem muito presentes pelas narrativas históricas, temas que costumam estar presentes em discussões cotidianas e que se busca com frequência para legitimar ou validar opiniões sobre diversos assuntos, além de ser temas muito procurados por vestibulandos.

Hitler e o nazismo, por exemplo, são temas que impactam e despertam interesse do grande público, já que a experiência nazista marcou o século XX principalmente a partir de suas imagens, que foram reproduzidas e difundidas por todo o mundo. Por isso, as obras cinematográficas que tratam do assunto quase sempre são bem sucedidas. Muitas obras têm interesses diretos numa rememoração específica dos

⁶⁶ GONÇALVES, Alan Carlos. O que é Nostalgia? 2017. Disponível em <<https://universidadedocotidiano.catracalivre.com.br/o-que-aprendi/sociesc/o-que-e-nostalgia/>> Acessado dia 18 de agosto de 2018.

⁶⁷ LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge University Press. 1999. p.8

⁶⁸ Idem. p.4

fatos, especialmente por parte de grupos judaicos, no caso do Holocausto. Assim, o público é educado por essas obras, desenvolvendo um interesse cada vez maior pelo assunto, aumentando o potencial de rentabilidade das produções relacionadas ao tema. Nesse processo, há uma constante presença do Nazismo na mídia, com protagonismo dos filmes, mas também aparecendo em programas de televisão, reportagem de jornais, capas de revistas, e até mesmo na cultura pop, como o próprio Castanhari fala em seu vídeo.⁶⁹

Lembrando que, para se fazer História Pública, não é preciso ser necessariamente especializado em História, Felipe Castanhari, que é um animador 3D, não possui os mesmos interesses e preocupações teórico-metodológicas que os historiadores acadêmicos. Por isso, conseguimos perceber em suas produções uma intenção clara que a ciência histórica procura evitar com relação à História Pública, que é o interesse mercadológico. Ele acaba fazendo do passado e daquilo que ele causa ao seu público um negócio, levando em conta o número de visualizações e aumento do número de inscritos, por isso são escolhidos apenas temas que despertam além da curiosidade, algum sentimento em seu público. Ele se apropria afetivamente do passado com um objetivo financeiro.

As produções cinematográficas ou midiáticas que abordam Hitler e o Nazismo são produtores de sentido histórico, e podem reificar uma determinada interpretação histórica tradicional, ou subvertê-la e construir novas interpretações. Isso porque, ao assistir um filme, seja ficção ou documentário, que envolve o conhecimento histórico, é possível que o espectador adote um ponto de vista, impressione-se e tome por verdadeiras as imagens, solidarize-se com determinadas personagens históricas e deturpe a imagem de outras. Os sentidos disseminados por estas produções se relacionam com a cultura histórica, por isso muitas vezes mobilizam a consciência histórica. Também é por conta dessas produções que a figura de Hitler hoje seja facilmente reconhecível por pessoas em todo o mundo.⁷⁰ No próprio vídeo Castanhari fala que Hitler é um dos personagens mais icônicos e famosos da história do mundo e que acredita que não exista nenhuma pessoa no mundo que não tenha ouvido falar de Adolf Hitler, que das grandes figuras históricas ele é a que mais desperta curiosidade das pessoas.

⁶⁹ SOUZA, Éder Cristiano de. Cinema e Educação Histórica: Jovens e sua relação com a história em filmes. Tese de Doutorado. PPGE-UFPR, Curitiba, 2014. p.57

⁷⁰ Idem. p. 55

Castanhari escolheu este tema abordado no vídeo para chamar atenção de seu público e do público que acessa a plataforma em geral, aumentando assim seu número de visualizações e inscritos, ou seja, a escolha do tema foi com um intuito financeiro. Assim, é preciso analisar de que maneira esse tema é abordado ao longo do vídeo e que visões de história ele traz.

Felipe Castanhari classifica a história como uma ciência fascinante que conta a história da humanidade e de todos os erros que nós, seres humanos, já cometemos. Ele diz que a história pode ser muito legal e diferente da história “chata” que geralmente é feita nas salas de aula, tudo depende de como ela é contada. Ele diz também que o canal é pra ser descontraído e por isso não vai ficar ali falando de “datas e nomes que ninguém conhece”.⁷¹

Isso revela um pouco sobre a sua visão de história, uma história anedótica feita para não ser levada a sério e ele mostra isso em diversos momentos da construção do vídeo, principalmente quando opta por uma estratégia de simplificação do conteúdo e optando por uma história que além de anedótica é episódica, factual e pitoresca. Isso mostra que ele não mantém um compromisso com o conhecimento, mas sim com a informação, muitas vezes apresentada de forma geral e deslocada.

Castanhari faz a sua opção por uma história anedótica, ele demonstra isso primeiro quando diz que a história precisa ser contada de uma maneira mais descontraída, depois pela linguagem que ele escolhe, uma linguagem bastante informal e cheia de palavrões e piadas. Ele também faz a opção por *memes*⁷² que aparecem em diferentes momentos do vídeo, mas principalmente no começo quando ele fala sobre a infância e juventude de Hitler. Essa forma de mediação lúdica, engraçada, bufônica, a meu ver, demonstra que ele não está comprometido com o passado, com a ética, com a pesquisa.

A história anedótica é uma história feita para não ser levada a sério, uma história feita para se rir dela, pensando apenas no entretenimento, uma via agradável para se falar de história. No caso do Canal *Nostalgia* a história anedótica é um recurso

⁷¹ CASTANHARI, Felipe. Adolf Hitler/ História. YouTube, 20 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d3r70E6Dvfs>> Acessado dia 16 de março de 2018

⁷² Meme é um termo que, etimologicamente, vem do grego e significa imitação. Seu conceito atual, porém, nasceu apenas com o advento da Internet e das redes sociais. Atualmente, com a popularização da Internet, meme acabou ganhando um novo significado e uma nova conotação. Em vez de imitação no sentido de plágio, pense mais em imitação como replicação. Dentro do contexto da Internet, podemos pensar em Meme como uma espécie de viral, piada coletiva ou acontecimento onde um vídeo, uma frase, um blog, uma hashtag, uma pessoa, uma ideia, uma imagem, uma música etc. atinge uma quantidade muito grande de acessos, e se torna muito popular entre os usuários.

escolhido para atrair mais pessoas e conseqüentemente mais inscritos ao canal, assim a anedota é feita para agradar ao público, por isso acaba sendo uma força atrativa. A anedota não tem um fim cognitivo, mas moral; não busca conhecer, mas quer pregar.⁷³ Ainda que se possa falar de história por essa via, é preciso levar em conta que ele está falando de algo muito sério, uma parte dolorosa da história que marcou o mundo inteiro, além de que não se pode negar que Hitler é um dos personagens mais controversos e perigosos da história mundial.

O vídeo é construído com uma história cronológica pautada na abordagem linear. Ele começa o vídeo contando a história do pai e da avó de Adolf Hitler, Aloys Schicklgruber e Maria Schicklgruber, que quando Maria se casa com Johann Georg Hiedler e este mais tarde acaba adotando Aloys, ao registra-lo é cometido um erro e Aloys passa a ser chamado de Aloys Hitler. Após falar sobre a origem do sobrenome da família e inclusive levantar a possibilidade de que Hitler poderia ter descendência judia, ele fala sobre a infância de Hitler, sua juventude, seu ingresso na vida militar, passando pela Primeira Guerra Mundial, seu ingresso na política, o começo da Segunda Guerra Mundial e termina falando sobre sua morte e as diversas narrativas e boatos sobre o seu corpo e se ele realmente morreu.

Hitler aparece dentro do contexto da sua história e ele faz todo um paralelo com a Segunda Guerra Mundial e até mesmo com Benito Mussolini, alegando que Hitler havia se inspirado no ditador italiano e na Itália fascista do século XX. Além de uma abordagem linear, o vídeo também tem uma abordagem enfática no homem e em seus grandes feitos, principalmente com ênfase para a política. É possível encontrarmos uma grande contradição nesse quesito, pois um material que quer se construir como inovador, engraçado, acessível, faz uso de uma abordagem do tempo extremamente tradicional, que é a linearidade. Além de também construir uma abordagem teleológica, reafirma o discurso do homem em busca do progresso e que se completa na concretização de seus grandes feitos. Nesse sentido, ele aborda o tema de forma conservadora e tradicional, enxertando aspectos cômicos, sob uma base narrativa tradicional.

Durante o vídeo, Felipe Castanhari faz a opção de pouco interagir com o público, pois ele não apresenta diretamente opinião sobre o assunto, mas apenas vai

⁷³ MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

contando a história de Hitler de uma maneira descontraída e engraçada, aparentemente imparcial. De acordo com Malerba,⁷⁴ historiadores públicos geralmente se abstêm de expressar publicamente opiniões pessoais sobre questões políticas. Em vez disso, eles preferem utilizar suas habilidades de forma mais sutil no trabalho de moldar a consciência pública por meio da apresentação do passado em lugares públicos. Mas também é preciso pensar que existem outras formas de se expressar sobre determinado assunto e Castanhari faz isso, pois ele fala o tempo todo, desde a escolha do personagem até a maneira como ele aborda o assunto.

Nas poucas vezes que ele emite a sua opinião, pode-se perceber que ele tenta construir um personagem – ou manter a ideia que já se tem sobre ele -, de que apesar de Hitler “ser um genocida que matou milhões de pessoas, transformou a Alemanha em um dos países mais temidos do mundo e a tirou do buraco”. Assim, posiciona Hitler como um homem corajoso, inteligente, bom orador e estrategista, que no início de seu governo Hitler foi um bom chefe de estado, “independente de suas ideias psicóticas”, que ele só começou a virar um “monstro de verdade” quando entrou para o Partido dos Trabalhadores e que é fácil entender porque ele acabou virando parte da cultura pop e aparecendo em diversas imagens, filmes, quadrinhos e até desenhos.⁷⁵ Assim, mesmo que ele tenha sido um monstro, na abordagem de Castanhari, considera-se que ele tem uma história fascinante. Nesse sentido, termina por não problematizar o personagem, apenas narrando sua história, sem muitos questionamentos. O que ele faz é levantar alguns boatos sobre Hitler e sua história, como o boato de que talvez ele tivesse uma descendência judaica ou que tenha ferido seu testículo ao participar da Primeira Guerra Mundial e até mesmo boatos sobre sua sexualidade, mas ele deixa claro que são boatos que não podem ser comprovados e que alguns foram trazidos a tona por inimigos de Hitler.⁷⁶ Para Malerba⁷⁷, uma característica que faz esse vídeo ser tão popular é também a maneira como ele constrói esse personagem, uma história no formato de saga; nas veladas explicações históricas, ênfase na psicologia dos personagens, que são condenados ou absolvidos como heróis ou parvos de mau-caráter.

⁷⁴ MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

⁷⁵ CASTANHARI, Felipe. Adolf Hitler/ História. YouTube, 20 de janeiro de 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=d3r70E6Dvfs>> Acessado dia 16 de março de 2018.

⁷⁶ Idem

⁷⁷ MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

Para a construção da narrativa do vídeo, Castanhari faz uso de uma linguagem informal, de muitos palavrões e piadas sobre o assunto. De acordo com os dados do *Youtube Insights 2017*, um livro que reúne os dados do *YouTube* do ano, no Brasil, a maioria das pessoas que acessam o *YouTube* frequentemente possuem entre 15 e 30 anos, um público bastante jovem. Nesse sentido, além de tornar o vídeo mais descontraído, como ele mesmo coloca no início, o uso dessa linguagem informal e do uso dos palavrões tem o potencial de atrair esse público jovem, já que ele busca fazer uma história diferente da que é ensinada em sala de aula, com o objetivo de aumentar seu número de visualizações e inscritos.⁷⁸

Antes mesmo da vinheta, o vídeo tem início com uma imagem do monumento em homenagem aos mortos no campo de concentração de Dachau, na Alemanha. Ele coloca uma trilha sonora durante a exibição da imagem que é bastante melancólica e que desperta um sentimento de tristeza. Em baixo da imagem, tem a legenda do que está escrito no monumento, “Que o exemplo dos que foram exterminados aqui entre 1933 – 1945 por resistir ao nazismo ajude a unir os vivos para a defesa da paz e da liberdade e no respeito pelos seus semelhantes”. O vídeo também termina com a mesma imagem e a mesma trilha sonora. Acredito que ele tenha feito essa escolha para lembrar as vítimas e as milhões de mortes que o nazismo e o ódio espalhados por Hitler causaram, apesar dessa questão ficar para uma parte mais ilustrativa, talvez para não ser atacado ou para poder dizer que de alguma forma, abordou as vítimas do holocausto.



Figura 17 – Vinheta do vídeo

⁷⁸ *Youtube Insights 2017*. Disponível em <<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/youtubeinsights/2017/>> Acessado: 07 de setembro de 2017.

Fonte - YouTube (2018)

A vinheta utilizada no vídeo é a mesma que ele utiliza na maioria dos outros vídeos, exceto no quadro *Nostalgia Ciência* e alguns mais recentes do *Nostalgia História*. A vinheta foi a mesma desde a criação do canal e só foi mudada no começo deste ano. Ela tem como tema o “mundo nerd” dos anos 80 e 90, que é o tema principal do canal, tem um fundo musical que lembra um vídeo game e imagens de quadrinhos em preto e branco e alguns personagens importantes da década de 90 que saem dos quadrinhos e falam seus bordões, como personagens como Goku do desenho Dragon Ball e Chapolin Colorado da série de mesmo nome. A vinheta é mais uma estratégia utilizada por Castanhari para chamar atenção do público jovem, já que ela é bem atrativa e condiz muito com os objetivos do canal.



Figura 18 – Vídeos utilizados como fontes - YouTube (2018)

O vídeo é basicamente construído com Castanhari contando a História de Hitler em seu cenário – que é o seu quarto com alguns itens que remetem ao tema principal do canal ao fundo – e logo após tudo o que ele fala, ele coloca um trecho de um documentário ou uma imagem, como se fosse para comprovar aquilo que ele está falando ou para reafirmar sua fala. Ele faz muito uso de diversos documentários, sendo possível identificar materiais do History Channel, BBC, National Geographic, Discovery Channel e outros documentários disponíveis no próprio *YouTube*, embora não disponibilize nenhuma informação sobre a sua produção. Ele não traz nenhuma outra fonte a não ser os documentários, e em diversos momentos é possível identificar que ele busca reproduzir os conteúdos destes documentários de maneira mais informal, facilitando a identificação com o seu público.

Ele também faz uso de vídeos e imagens produzidas pelos próprios nazistas, já que desde suas origens, o nazismo esteve muito vinculado ao mundo das imagens. No poder, Hitler fez questão de registrar os feitos alcançados pelo partido. O uso das imagens para fazer propaganda do governo e educar as massas, foi uma prática muito utilizada pelo governo nazista. E, justamente por isso, a experiência nazista marcou o século XX a partir de suas imagens, reproduzidas e difundidas por todo o mundo nas décadas subsequentes à sua queda.⁷⁹



Figura 19 – Meme do filme A queda

Fonte - YouTube (2018)

Além dos documentários e destas imagens, ele faz uso de imagens de filmes produzidos sobre a Segunda Guerra Mundial e sobre o próprio Hitler, inclusive ele usa um desses filmes para fazer piadas e diversos memes sobre o personagem e sua história. O filme utilizado se chama A queda – as últimas horas de Hitler, filme alemão de 2004, dirigido por Oliver Hirschbiegel e produzido por Bernd Eichinger, que mostra os últimos dez dias da vida de Adolf Hitler no Führerbunker em 1945. Os memes são feitos para dar essa entonação de informalidade do vídeo, para que se torne algo engraçado e agradável para o seu público.

A trilha sonora vai variando ao longo do vídeo. Quando ele fala da guerra a trilha sonora remete a um suspense e é bastante envolvente, quando ele fala de algo mais sério a trilha sonora passa a ser um pouco mais forte e quando ele fala de algo

⁷⁹ SOUZA, Éder Cristiano de. Cinema e Educação Histórica: Jovens e sua relação com a história em filmes. Tese de Doutorado. PPG-UFPR, Curitiba, 2014. p.57

triste ou marcante a trilha sonora passa a ser melancólica lembrando um sentimento de tristeza ou compaixão. Inclusive, quando ele fala sobre a infância de Hitler ele diz que Hitler teve uma infância e uma juventude muito difíceis e que tinha muitos problemas com seu pai. Nessa parte, a trilha sonora passa a ser triste e acaba passando a ideia de que ele tenta culpar o pai de Hitler por ele ser como era. Em outra parte do vídeo ele diz que Hitler não sabia o que estava fazendo porque era maluco.

É preciso lembrar que Felipe Castanhari é um animador 3D, por isso o vídeo é muito bem produzido, desde a vinheta, a trilha sonora, o fundo dos vídeos e imagens utilizadas, os enquadramentos e até mesmo as cores escolhidas. Além do tema geral do canal e dos temas escolhidos pelo autor para trabalhar no quadro *Nostalgia História*, os vídeos também tem um grande número de visualizações devido à qualidade da sua produção, pois tudo foi pensando e feito para chamar atenção do seu público e do público do YouTube em geral, um público que é jovem e que majoritariamente se identifica com o canal e seus temas.

4.2 Cultura participativa: interação entre produtor e consumidor

É certo que ao assistir esse vídeo é praticamente impossível se manter neutro ou não formar nenhuma opinião sobre o conteúdo ali exibido. O vídeo pode ser considerado de caráter informativo e também é um formador de opinião a respeito de Hitler e sua história. Para saber como é a recepção do vídeo pelo seu público é preciso analisar os comentários que as pessoas deixam sobre o mesmo.

De acordo com Jenkins⁸⁰, o *YouTube* é um exemplo perfeito do que ele chama de cultura da convergência, que é a possibilidade de enriquecer a notícia, apresentando o mesmo conteúdo por diferentes formas e também com a possibilidade de interação entre quem produz o conteúdo e quem o consome, e isso acontece no *YouTube* através dos comentários. Ocorre uma troca cultural quando alguém produz um vídeo está automaticamente compartilhando um conhecimento e quando quem assiste a esses vídeos tem acesso ao conteúdo apresentado tendo a possibilidade de comentar o vídeo com alguma outra ideia, agregando novos pontos de vista ao conhecimento compartilhado. É importante a análise dessa troca cultural, porque é preciso pensar não

⁸⁰ JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009. p. 27.

só a produção do vídeo, mas também a sua recepção, já que a opinião de quem assiste muitas vezes reflete aquilo que foi assimilado do conteúdo apresentado.

Trabalhar com os comentários foi uma escolha minha, decorrente da leitura feita dessa característica dos materiais no YouTube, que é a possibilidade dessa troca cultural e também da minha aproximação com a História Pública, já que fazer História Pública significa compreender os processos de difusão do conhecimento histórico para amplas audiências, acreditando-se que a história não é aprendida apenas em sala de aula, mas além disso, a História Pública é feita para o público e com o público, através de suas demandas e opiniões.

Como já visto anteriormente, o vídeo é muito popular e seus números aumentam diariamente. De um dia pro outro o número de visualizações chega a ultrapassar a marca de 10.000, conseqüentemente acaba aumentando também o número de comentários. Atualmente, os comentários passam a marca de 53.860 comentários, um número extremamente alto e seria impossível analisar todos os comentários, por isso para saber como se dá a recepção do vídeo pelo público, os comentários foram separados em duas categorias, divididas em: principais comentários e comentários mais recentes. Ainda que separados por categorias, o número de comentários seria muito grande, por isso foram escolhidos alguns comentários que demonstram a maioria das opiniões, comentários que tenham muitas opiniões iguais ou parecidas.

Os principais comentários são os que o próprio *YouTube* julga serem mais importantes e os coloca como primeiros comentários a aparecerem para os usuários. Eles são classificados dessa forma pelo número de curtidas do comentário, pois quanto mais curtidas obtiver, mais popular o comentário fica e acaba sendo mais fácil de ser visualizado, já que acaba ficando entre as primeiras páginas de comentários.

Os comentários mais antigos do vídeo são do mesmo dia em que o vídeo foi postado na plataforma e todos os dias tem novos comentários, praticamente a cada 3 ou 4 horas é feito um novo comentário no vídeo. Essa estratégia do *YouTube* de privilegiar os comentários mais curtidos me faz pensar novamente nos limites da fonte digital, o que para o pesquisador é um desafio, já que essa estratégia direciona a nossa percepção sobre a recepção, pois o que vai estar em uma primeira camada é o que o público gostou, o que pode sim ser objeto de análise, mas para este trabalho isso acaba sendo uma armadilha, porque podem ter comentários muito mais interessantes que não aparecem, e as próprias críticas acabam ficando escondidas.



Area51Canal 2 anos atrás

Faz mais vídeos sobre História! Fale da 1º e 2º Guerras, sobre a Guerra Fria, a Corrida Espacial, a história do cinema, da comédia, dos games, enfim...tem muito material pra trabalhar e seus documentários sempre ficam excelentes!!!! Continue!!! Faça mais!!!!

1 mil RESPONDER

Figura 20 – Comentário 1

Fonte - YouTube (2018)



Gilbert Coelho 4 meses atrás

Faz a história também do Josef Stalin, que matou mais que Hitler!

379 RESPONDER

Figura 21 – Comentário 2

Fonte - YouTube (2018)



Juliano R Costa 2 anos atrás

O próximo poderia ser da 2 guerra!!! Muito foda esse último.

2,3 mil RESPONDER

Figura 22 – Comentário 3

Fonte - YouTube (2018)

Algo que eu pude perceber é que a maioria dos comentários e também os comentários mais curtidos, e por isso considerados de maior relevância, são comentários que sugerem diferentes assuntos para os próximos vídeos do *Nostalgia História*. A maioria desses comentários sugere assuntos que envolvam guerras, política ou uma “história dos grandes homens”, que busca explicar a história a partir da ação e do impacto desses personagens, como indivíduos muito influentes, seja por carisma, inteligência ou por grande impacto político. Um dos personagens mais pedidos é Josef Stalin.



Skategrafia 2 meses atrás (editado)

Ele foi uma pessoa horrível, mas convenhamos, ele também foi um gênio!! Um completo gênio, um dos melhores estrategistas que já existiu... Isso não tem como negar.

136 RESPONDER

Figura 23 – Comentário 4

Fonte - YouTube (2018)

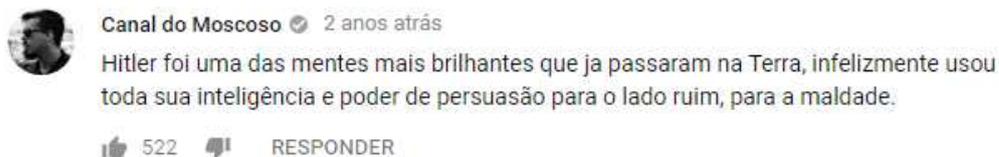


Figura 24 – Comentário 5

Fonte - YouTube (2018)

Uma das opiniões mais recorrentes nos comentários é a de que Hitler realmente foi um gênio, um ótimo estrategista, que ele acabou usando toda a sua inteligência para o mal e que se ele não fosse “maluco” ou “psicótico”, como é classificado no vídeo e nos comentários, ele teria sido um ótimo chefe de estado e teria reerguido a Alemanha. Acredito que essas opiniões são bastante recorrentes nos comentários porque é a opinião que Castanhari dissemina no vídeo, sendo basicamente dessa forma que ele acaba descrevendo Hitler.



Figura 25 – Comentário 6

Fonte - YouTube (2018)

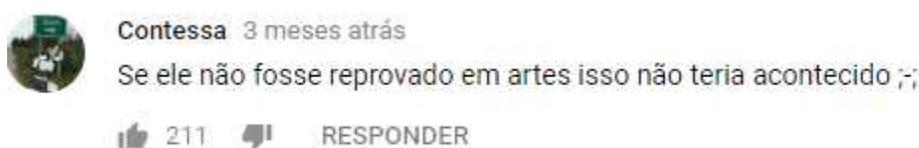


Figura 26 – Comentário 7

Fonte - YouTube (2018)

Castanhari faz a opção de falar sobre a história de Adolf Hitler de uma maneira mais descontraída, com uma linguagem informal, cheia de palavrões e piadas e acaba construindo uma história anedótica, que é para ser engraçada e agradar ao público. Durante o vídeo enquanto fala sobre a juventude de Hitler e o seu desejo de se tornar um pintor e entrar para a Academia de Belas Artes de Viena, Castanhari acaba fazendo uma piada e dizendo que se Hitler tivesse sido aceito na Academia nada disso teria

acontecido, que o fato de ter sido reprovado despertou toda essa raiva nele, e é possível ver muitos comentários reproduzindo essa brincadeira.

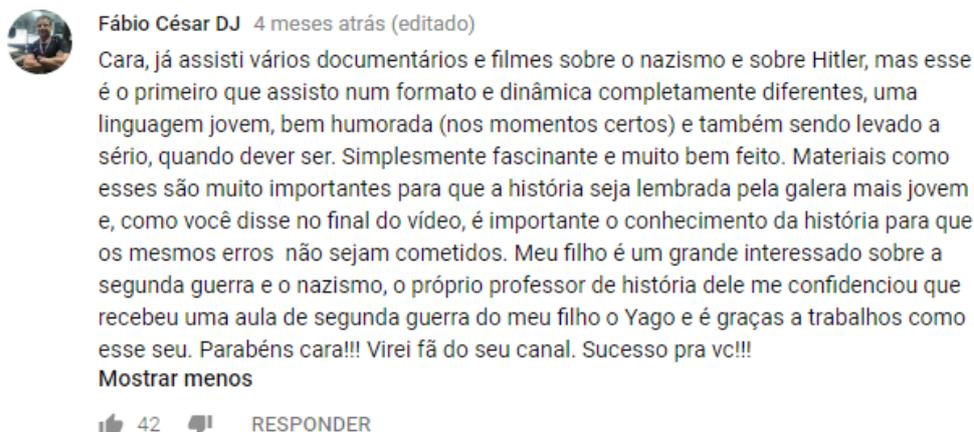


Figura 27 – Comentário 8

Fonte - YouTube (2018)

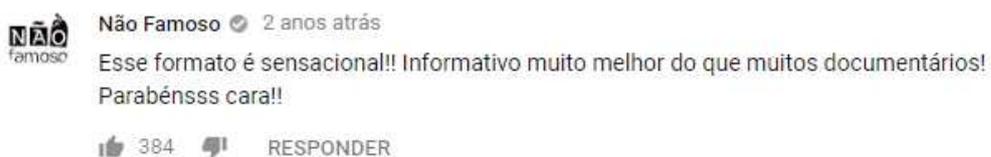


Figura 28 – Comentário 9

Fonte - YouTube (2018)

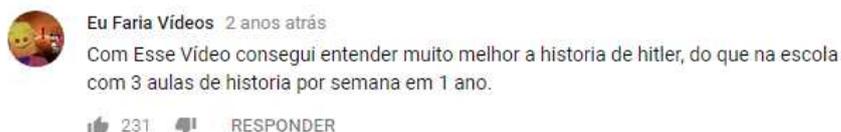


Figura 29 – Comentário 10

Fonte - YouTube (2018)

Boa parte dos comentários também são apenas elogios ao vídeo e a Felipe Castanhari. Comentários que elogiam tanto o formato quanto o conteúdo do vídeo, principalmente a linguagem informal utilizada e a forma descontraída escolhida pelo autor. A maioria dos usuários diz facilitar a compreensão do conteúdo e o torna menos cansativo do que na sala de aula, inclusive alguns comentários dizem que o fato do vídeo ter mais de uma hora não é um problema já que Castanhari deixa o vídeo divertido. Muitos comentários também comparam o vídeo a documentários e alguns dizem que o vídeo chega a ser melhor que a maioria dos documentários sobre o assunto.



WillTuber 2 anos atrás

Sou professor de História e estou adorando o video, Hitler é um dos personagens mais lembrados da nossa história, existem centenas de estudos sobre e a cada dia aparecem mais e mais, alguns até absurdos. Juntando ele e a segunda guerra nós temos trabalho para mais algumas décadas. Ótima iniciativa, com certeza vou mesclar partes do video em algumas aulas sobre a 2º Guerra, (50 min. 2x por semana não dá para fazer muita coisa), os alunos adoram o canal e videos e imagens sempre deixam as aulas de História mais interessantes, acho que vai ser uma boa experiência :D Like!
Mostrar menos

Figura 30 – Comentário 11

Fonte - YouTube (2018)

Esse é um comentário isolado de um professor de História. Não é um dos mais curtidos, mas também não há muitos comentários de professores e historiadores sobre o vídeo. No entanto, considere muito importante trazer este comentário. Primeiro que como historiadores é um desafio para nós pensar que estes jovens acessam muitos mais a internet e esses materiais do que materiais produzidos por historiadores e segundo que, como professores, precisamos reconhecer que estes conteúdos estão aí e acabam chegando em sala de aula, muitas vezes trazidos pelos próprios alunos, que em um discussão sobre Hitler e a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, podem emitir uma opinião que formaram ao assistir esse vídeo. Por isso é preciso pensar sobre o que podemos fazer sobre esses conteúdos.

Os comentários mais recentes, como o próprio nome já diz, são os comentários deixados recentemente pelos usuários. Como o vídeo é muito popular acaba tendo muitos comentários por dia e às vezes até por hora, mas é comum que em um intervalo de no máximo 3 horas tenha um novo comentário.



Aninha's 1 hora atrás

Aqui no Br tem algo parecido acontecendo... nem falo nada!



RESPONDER

Ver resposta ▾



Karen Montan 1 hora atrás

E a história vem se repetindo..



RESPONDER

Ver resposta ▾

Figura 31 – Comentários 12 e 13

Fonte - YouTube (2018)

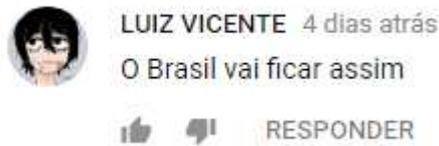


Figura 32 – Comentários 14

Fonte - YouTube (2018)

Desde que a campanha política para as eleições a presidência do Brasil do ano de 2018 começaram, os comentários recentes no vídeo tem sido praticamente os mesmos, comparando a história do surgimento do nazismo a atual conjuntura política do Brasil, e comparando Hitler e seus discursos de ódio a um candidato ou outro, ou mesmo elogios ao trabalho de Castanhari, como é recorrente na sessão de comentários.



Figura 33 – Comentários

15 Fonte - YouTube (2018)



Figura 34 – Comentários 16

Fonte - YouTube (2018)

Ainda nos comentários recentes existem muitos pedidos de novos assuntos para os próximos vídeos do *Nostalgia História* e muitos elogios ao canal, ao autor e a maneira como ele constrói o vídeo, alguns inclusive questionam quanto tempo de pesquisa Castanhari deve ter tido para conseguir fazer o vídeo. De maneira geral, a maioria dos comentários são pedidos de novos vídeos ou elogios ao canal e ao vídeo, deixando claro que a estratégia de Castanhari de construir um vídeo descontraído, informal e fazendo uso de uma história anedótica, acabou dando certo, agradando e atraindo todos os dias inúmeras visualizações e novos seguidores ao canal. Não foram localizadas crítica sobre o vídeo. Provavelmente elas tenham sido pontuais, mas o fato

de todos os dias surgirem novos comentários, e por provavelmente terem poucas ou nenhuma curtida essas críticas vão ficando pra trás e acaba sendo difícil de encontrá-las.

Considerações finais

A internet pode ser compreendida como um espaço de fluxos de informações que podem ser compartilhadas independentemente de limitações geográficas e tem um índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história. Estamos na era da informação e não podemos negar que a internet transformou a vida e o cotidiano das pessoas, principalmente depois da banda larga, quando a transmissão de dados e a comunicação passaram a ser em alta velocidade, fazendo com que a pessoas tenham acesso a diversos conteúdos, seja para trabalho, pesquisa ou apenas para diversão.

Nascido em 2005, o *YouTube* é o queridinho da internet, conhecido mundialmente e é uma das plataformas mais acessadas diariamente em diversos países. No Brasil o *Youtube* vem se tornando uma plataforma cada vez mais popular, levando o país ao segundo lugar mundialmente em horas assistidas. O total de acessos mensais na plataforma chega a 1,5 bilhão de pessoas, e 95% da população brasileira que possui redes sociais utiliza a plataforma, totalizando 98 milhões, o que mostra que a plataforma possui uma relevância e influência muito grande sobre consumo de conteúdos atualmente.

A História Pública nasceu antes mesmo da internet, mas podemos afirmar que com o advento da internet ela ganhou ainda mais força. Ainda que no Brasil, mesmo que a internet e os conteúdos digitais não sejam elementos relativamente novos e se façam muito presentes no cotidiano dos jovens, ainda não se tem muitos estudos que se debruçam a pesquisar e a pensar sobre esses conteúdos, mesmo que eles façam parte da vida do historiador e principalmente do professor de história, pois os alunos são os maiores consumidores desses conteúdos e acabam trazendo eles para a sala de aula de alguma maneira.

Podemos dizer que a História Pública explora e apresenta o conhecimento histórico em uma variedade de formas que vão além dos foros acadêmicos, uma História feita para o público e com o público e o *YouTube* é um excelente espaço para se fazer e

se trabalhar com a História Pública, já que o mesmo possibilita uma cultura da convergência, que é um troca de conhecimento entre o produtor e o consumidor do conteúdo através da ferramenta de comentários do YouTube, agregando novos pontos de vista ao conhecimento compartilhado e também divulga história para um público bastante amplo.

Foi possível perceber ao longo do trabalho que a nossa sociedade contemporânea tem certo fascínio pelo passado, e isso pode ser visto de diversas maneiras, de modo que podemos encontrar a História em ambientes muito diversos. Esse fascínio pelo passado pode ser visto na forte presença da História no mundo dos games, por exemplo, além de revistas, canais de televisão, livros, *best sellers*, os guias politicamente incorretos que buscam desconstruir a História e até mesmo na moda retro. É muito comum recorrermos ao passado para justificar ou legitimar algum argumento.

Infelizmente, esses usos do passado muitas vezes carregam uma finalidade mercadológica, pois tratam o passado como negócio, colocando a narrativa histórica como produto de uma indústria cultural, ou seja, inserida em uma lógica de mercado que leva em conta tiragens, versões, disputas editoriais e a própria lógica do consumo, inserida dentro de uma conjuntura capitalista.

Com o crescimento do *YouTube*, crescem também os canais com conteúdo histórico, sendo possível encontrar no *YouTube* centenas de canais que discutam e ensinem História, dentre esses canais encontramos o Canal *Nostalgia*, que apesar do seu foco não ser o conteúdo histórico acaba ficando ainda mais conhecido pelo seu quadro Nostalgia História, cujos vídeos sobre História tem milhões de visualizações e são os mais vistos do canal. O canal serviu como fonte para este trabalho, tendo um recorte no vídeo mais visualizado do Nostalgia História, o vídeo sobre Adolf Hitler.

A análise do canal e do vídeo me ajudaram a cumprir com o objetivo deste trabalho, que é refletir sobre os usos do passado em tempos de internet, tendo o *YouTube* como essa plataforma principal, já que este tem sido um ótimo campo de trabalho para historiadores públicos. Reconhecer que temos hoje, uma pluralidade de materiais e de discursos acerca do passado, nos mobiliza a problematizar que materiais são esses e que discursos eles portam.

Lembrando que este trabalho não é propriamente uma crítica a História Pública, produzida por leigos, pois a história não é e nem pode ser abordagem exclusiva dos historiadores profissionais. Mas sendo História Pública ou não, é necessário manter a crítica permanente do que se veicula como historiografia, pois se trata da formação da

consciência histórica de homens e mulheres e muitas vezes, como no caso da fonte deste trabalho, a qualidade dessa história feita por pessoas sem formação profissional é questionável. Por conta dessa história de qualidade ruim e que se tem um alto grau de divulgação e visualização, a história social, processual, interpretativa, estrutural, analítica, crítica, não chega ao grande público. O que acaba chegando é uma história paroquial, episódica, factual, pitoresca, anedótica, biográfica, das grandes batalhas, em rápidas narrativas dramáticas inflamadas. A história é importante para o público, o problema é a qualidade dessa história popular.⁸¹

No caso de Felipe Castanhari, ele está muito mais preocupado em entreter o público e ganhar seus seguidores, aumentando assim a sua fonte de renda (a História mercadológica já falada), do que propriamente promover conhecimento ou uma reflexão sobre o assunto. O vídeo é cheio de contradições, pois ele se diz ser inovador, mas utiliza o que tem de mais conservador e tradicional na abordagem histórica pra fazer a costura do vídeo, mostrando mais uma vez que ele não está comprometido em ensinar história, e sim em entreter, informar e ganhar seguidores. Por exemplo, o filme *A Queda - as últimas horas de Hitler*, o filme faz parte de um movimento de revisão da figura de Hitler, questão não incorporada em sua abordagem, na qual faz apenas uso ilustrativo e cômico do audiovisual.

Como dito anteriormente, a intenção desse trabalho é também lembrar que é preciso considerar a História Pública um campo fundamental e permanente de reflexão, que precisa exigir a atenção permanente dos historiadores acadêmicos. Não podemos também generalizar e dizer que todos os trabalhos de historiadores públicos são ruins, pois existem trabalhos de ótima e péssima qualidade, também no campo profissional e acadêmico.

Por fim, a compreensão de que qualquer um pode escrever história, o que não significa que toda história tenha o mesmo valor e qualidade. Mesmo tendo historiadores bons e ruins dentro e fora da academia, os historiadores acadêmicos possuem uma metodologia própria do ofício de historiador, da qual faz parte a exposição dos argumentos e a crítica, que vai das fontes até a produção textual. Essa mesma metodologia, na maioria dos casos, não é encontrada fora da academia. Malerba⁸² diz que se apenas o sucesso de vendas, ou nesse caso de seguidores, for critério para se

⁸¹ MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” *Revista História da Historiografia*, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

⁸² Idem

avaliar uma obra historiográfica, os parâmetros éticos se esvanecerão e teremos de assistir à disseminação de narrativas históricas de alcance interpretativo pobre, cheias de anacronismos, erros e preconceitos.

Referências

BURGESS Jean; GREEN, Joshua. YouTube e a revolução digital. Como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. YouTube para historiadores. 2017. Disponível em <<https://www.cafehistoria.com.br/youtube-para-historiadores/>> Acessado dia 28 de março de 2018.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DURE, Deborah Michell. CEOLIN, Patrícia. O CRESCIMENTO DO YOUTUBE NO BRASIL E A POPULARIDADE DO CANAL NOSTALGIA. 2016. Disponível em <http://www.riobrancofac.edu.br/site/doc/simposios/2016/O-crescimento-do-youtube-no-Brasil_Deborah-Dure.pdf> Acessado dia 19 de março de 2018.

FRAZÃO, Samira Moratti. História pública no Brasil: espaço de apropriações e disputas. 2016. Disponível em <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180308192016374>> Acessado dia 18 de julho de 2018.

GELBCKE, Juliana. História Pública e Consciência Histórica: Uma reflexão da Didática da História. 2014. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/349.pdf> > Acessado dia 04 de agosto de 2018.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009

KUROVSKI, Caroline. PLATAFORMA YOUTUBE, PRODUÇÕES INDEPENDENTES E EDUCOMUNICAÇÃO: possibilidades para um saber alternativo. In: Acervo digital da Universidade Federal do Paraná. Disponível em <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43498/PLATAFORMA%20YOUTUBE,%20PRODUCOES%20INDEPENDENTES%20E%20EDUCOMUNICACAO%20Possibilidades%20para%20um%20saber%20alternativo.pdf?sequence=1>>. Acesso em 25 de março de 2018

LOWENTHAL, David. The Past is a Foreign Country. Cambridge University Press. 1999

LUCCHESI, A. história e historiografia digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL, XXVII, 2013, Natal. Anais eletrônicos...Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: Acesso em: 12 abr. 2018

MALERBA, Jurandir. “Acadêmicos na Berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History.” Revista História da Historiografia, Ouro Preto, nº 15, agosto, 2014, p. 27-50.

MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (org.) História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 12.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. pp: 231-290. In: PINSKY, C. B (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005

QUEIROZ, Igor Raphael Gouveia de. O Youtube como ferramenta da cultura midiática participativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-0233-1.pdf>> p.1 Acesso em 16 de março de 2018.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. História Pública e ensino de História. 2016. Disponível em: <<http://www.iqe.org.br/imagens/clippings/HistoriapublicaensinodeHistoria.pdf>> Acessado dia 13 de setembro de 2018.

SOUZA, Éder Cristiano de. Cinema e Educação Histórica: Jovens e sua relação com a história em filmes. Tese de Doutorado. PPGE-UFPR, Curitiba, 2014

ZAHAVI, Gerald. Ensinando história pública no século XXI. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta G. de Oliveira (org). Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011.